



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - CAMPUS DE
PRESIDENTE PRUDENTE**

VALQUIRIA SANTOS DE FREITAS

**O PERTENCIMENTO E AS TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES NEGROS DO
CURSO DE GEOGRAFIA DA FCT-UNESP NA PERSPECTIVA DO LUGAR**

Presidente Prudente

2024

VALQUIRIA SANTOS DE FREITAS

**O PERTENCIMENTO E AS TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES NEGROS DO
CURSO DE GEOGRAFIA DA FCT-UNESP NA PERSPECTIVA DO LUGAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Ciências e
Tecnologia, Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
Presidente Prudente, para obtenção do
título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Vanda Moreira
Machado Lima

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Carolina
dos Santos Marques

Presidente Prudente

2024

F866p

Freitas, Valquiria Santos De

o pertencimento e as trajetórias dos estudantes negros do curso de Geografia da FCT-UNESP na perspectiva de lugar / Valquiria Santos De Freitas. -- Presidente Prudente, 2024

70 p. : tabs., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientadora: Vanda Moreira Machado Lima

Coorientadora: Ana Carolina Dos Santos Marques

1. Lugar. 2. Racismo. 3. Política de Cotas. 4. NUPE. 5. FCT-UNESP. I. Título.

DECLARAÇÃO

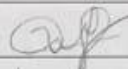
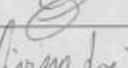
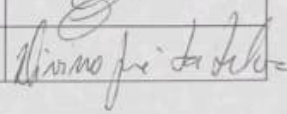
Eu, **Profª Drª Vanda Moreira Machado de Lima**, declaro que a aluna **Valquíria Santos de Freitas**, cumpriu, sob minha orientação, 180 horas de Estágio Supervisionado e Trabalho de Graduação do Curso de Bacharelado em Geografia, desta Faculdade.

Título de Monografia: **"O Pertencimento e as Trajetórias dos Estudantes Negros do Curso de Geografia da FCT-UNESP, na Perspectiva de Lugar."**

A Monografia foi apresentada, em defesa pública, no dia **29 de novembro de 2024**, às 09h00min, no Anfiteatro 2 (Bloco da Geografia).

Após as arguições e defesa do(a) candidato(a), eu, mais os membros arrolados abaixo, atribuímos a nota 9,5 () *nove e meio*

Presidente Prudente, 29 de novembro de 2024.

BANCA AVALIADORA	ASSINATURAS
Profª Drª Vanda Moreira Machado de Lima (Orientadora)	
Profª Mª Ana Carolina dos Santos Marques (Co-orientadora)	
Prof. Dr. Guilherme dos Santos Claudino	
Prof. Dr. Divino José da Silva	

“Enquanto não consegui fazer minha voz ser ouvida, não consegui pertencer verdadeiramente ao movimento. Antes de exigir que os outros me ouvissem, precisei ouvir a mim mesma, para descobrir minha identidade”

bell hooks

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus que me concedeu a oportunidade, saúde e força para chegar até aqui. Minha família, em especial meu esposo, que sempre me incentivava a ir buscar uma vida melhor através dos estudos.

Aos amigos que fiz nessa jornada, em especial Gustavo, Vitória, Ana Paula e Graziela, que sempre diziam que eu conseguiria mesmo com as barreiras que tinham à minha frente.

Minha orientadora Vanda Moreira Machado Lima, por me ensinar a ser quem eu sou hoje, por sempre me olhar com carinho e por demonstrar seu amor para comigo.

À pessoa que me inspira sem saber, minha coorientadora, Ana Carolina Marques, por sempre estar pronta a me ajudar mesmo em seus dias mais corridos.

Ao NUPE, por sempre acolher, ser o meu lugar de pertencimento, meu quilombo, e por ser o impulsionador de meninas negras como eu.

À minha mãe, por ter me sonhado, ficou comigo por apenas 3 anos, mesmo assim, posso sentir que fui amada.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de bolsas de pesquisas (processos 2022/2023 e 2023/2024)

E por último, aqueles que antecederam na luta para que pessoas como eu estivesse agradecendo pelos mesmos motivos hoje, e aos que virão após mim.

A luta continua.

Dedico este trabalho a você irmã, Antônia do Carmo dos Santos, *in memoriam*, que nunca aprendeu a ler e escrever, mas sua história ficou gravada em nossas vidas até 27/10/2024, findando com seus 64 anos. Te amo irmã, saudades eternas.

RESUMO

A pesquisa envolve as trajetórias dos estudantes negros do curso de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT-UNESP). O objetivo é compreender o conceito de lugar, com base na interpretação das trajetórias dos estudantes negros ingressantes nos anos de 2020 a 2024, compreendendo se a universidade se expressa enquanto um lugar de pertencimento para eles, a partir de suas vivências, atravessamentos e percepções ao longo do seu percurso acadêmico. Para alcançar os objetivos da pesquisa, desenvolvemos foi utilizada abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica, aplicação de questionário juntos aos estudantes cotistas do curso de Geografia e mapeamento da origem e permanência atual dos alunos. Conclui-se que os alunos dos anos iniciais até o terceiro ano, tem a universidade, de modo geral, como lugar de pertencimento, mas nota-se que esses mesmos alunos em sua maioria têm pouco ou nenhum letramento racial. Os alunos do quarto e quinto ano têm poucos lugares como referência de pertencimento dentro da universidade, ao passo que afirmam ter um letramento racial, e adquiriram uma certa crítica à universidade. Dentre os lugares topofílicos na universidade, foram citados o NUPE (Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão), a biblioteca e a Praça da Geografia. Já os lugares topofóbicos foram o restaurante universitário e o prédio da direção do campus.

Palavras-chave: Lugar; Racismo; Política de Cotas; NUPE, FCT-UNESP.

ABSTRACT

The research involves the trajectories of black students in the Geography program at the Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT-UNESP). The objective is to understand the concept of place based on the interpretation of the trajectories of black students who entered the university between 2020 and 2024, examining whether the university expresses itself as a place of belonging for them, based on their experiences, challenges, and perceptions throughout their academic journey. To achieve the research objectives, a qualitative approach was adopted, including bibliographic research, the application of questionnaires to quota students in the Geography program, and the mapping of the students' origins and their current academic permanence. The study concludes that students in the early to third years of the program generally view the university as a place of belonging. However, it is noted that most of these students have little or no racial literacy. In contrast, fourth and fifth year students identify fewer places within the university as references of belonging, while affirming that they have developed racial literacy and a certain level of critique toward the university. Among the topophilic places within the university, the NUPE (Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão), the library, and the Geography Plaza were mentioned. On the other hand, the university restaurant and the campus administration building were identified as topophobic places.

Keywords: Place; Racism; Affirmative Action Policy; NUPE; FCT-UNESP.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa	1	–	Localização	da	FCT-UNESP	
						43
Mapa	2	–	Mapa	de	origem	dos alunos
						44
Figura	1	–	Mapa	de	lugares	da UNESP
						53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Alunos matriculados no curso de Geografia	41
Gráfico 2 – Gênero	42
Gráfico 3 – Trabalho	45
Gráfico 4 – Participação em projeto	46
Gráfico 5 – Letramento racial	47
Gráfico 6 – Contato com a temática racial	49
Gráfico 7 – Discriminação na universidade	50
Gráfico 8 – Na universidade de sentem acolhidos por	54

LISTA DE TABELAS

Tabela	1	–		Idade
				41
Tabela	2	–	Locais	considerados
				52
				acolhedores

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAADI	Coordenadoria de Ações Afirmativas Diversidade e Equidade
CEMESPP	Centro de Estudo e Mapeamento da Exclusão Social para Políticas Públicas
CEETAS	Centro de Estudos de Geografia do Trabalho
GAIA	Grupo de Pesquisa Interações na Superfície Terrestre, Água e Atmosfera
GASPERR	Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais
EJA	Educação de Jovens e Adultos
NEAPO	Núcleo de Estudo e Pesquisa em Agroecologia no Pontal do Paranapanema
NERA	Núcleo de Estudo, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária
NUPE	Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão
SITRA	Saúde Integral do Trabalho da FCT-UNESP

SUMÁRIO

PRÓLOGO	15
INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1 - RAÇA, RACISMO E O PAPEL DAS ESTRUTURAS SOCIAIS: COMPREENSÃO E DESAFIO NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE	24
1.1 Conceito de Raça e Racismo	24
1.2 O lugar do negro na sociedade	28
CAPÍTULO 2 - DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO: A LUTA DO NEGRO PELA EDUCAÇÃO E O IMPACTO DAS COTAS RACIAIS.	32
2.1 O negro na educação e na universidade	32
2.2- As cotas raciais na Unesp	34
CAPÍTULO 3. CONCEITO DE LUGAR E PERTENCIMENTO	36
3.1 Lugar	36
CAPÍTULO 4. ANÁLISE DO PERFIL E PERTENCIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GEOGRAFIA	40
4.1 Perfil geral dos estudantes do curso de Geografia	40
4.2 Local de origem dos estudantes do curso de Geografia	42
4.3 Universidade: trabalho e projetos	44
4.4 Racismo e pertencimento na universidade	47
CAPÍTULO 5. DISCUSSÃO	57
5.1 Grupo dos alunos que dizem não ter letramento racial ou pouco letramento	57
5.2 Grupo dos alunos que se encontram nos 4° e 5° anos do curso de Geografia	58
5.3 Grupo dos alunos que possuem topofobia em relação à universidade	59
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE	66
Apêndice A - Questionário aplicado aos estudantes de Geografia da FCT-UNESP	
66	

PRÓLOGO

Este texto inicial discorre sobre minha trajetória pessoal e acadêmica ligando-a ao desejo de sempre sonhar em cursar uma vida acadêmica. Penso na importância de escrever sobre isso, para que os leitores entendam o desejo tão latente que sempre tive em fazer da educação uma porta para a ascensão, não só pessoal, mas de todas as histórias que carrego. Ingressar na universidade me possibilitou reconhecer minha negritude e minha ancestralidade, adquirir empoderamento e me emancipar intelectualmente.

Iniciando minha história de vida, trago informações atuais, sou uma mulher negra, 43 anos (2024), casada e mãe de dois filhos. Voltando há 40 anos atrás, onde eu, com 3 anos, filha mais nova de 8 irmãos (6 mulheres e 2 homens), sendo um já falecido, e uma recente perda de minha irmã, tive que voltar aqui e falar sobre isso, já tendo terminado minha escrita... Dedico esse trabalho à ela, Antônia, *in memoriam*, que nunca aprendeu a ler e escrever, mas sua história ficou gravada em nossas vidas até 27/10/2024, findando com seus 64 anos. Te amo irmã.

Como dizia, aos três anos de vida, perdi minha mãezinha com 35 anos, branca e baiana arretada, por crime de feminicídio praticado por meu pai, negro baiano machista, que achava que mulher, se não tivesse com o marido, não deveria viver com mais ninguém.

Aquele que deveria proteger a família acaba tirando o mais precioso amor que uma criança deve ter, a sua mãe. Meu pai fugiu, mas dias depois foi preso, a única lembrança de criança que tenho dela, é passando por debaixo do seu caixão no velório sem entender que era ela que estava lá, o sangue pingava do caixão e caía no chão em que eu brincava.

Dos três até os 11 anos, morei com minha irmã mais velha e todos os meus irmãos, não vou me ater aqui à história deles porque todos protagonizam até os dias de hoje suas vidas com a mesma força e determinação que eu, mas cada um no seu jeito. Falar pouco deles não seria suficiente para demonstrar o tamanho da admiração que tenho por cada um.

Lembro-me, que às vezes ia para a roça colher algodão quando criança, meu irmão Cláudio ficava com dó de mim, pois, meu saco de algodão nunca enchia, no final do dia ele dava os algodões dele para mim, no sábado tinha dinheiro para ajudar ainda mais em casa com a roça. Quando chegávamos aos 11 anos, minha

irmã Cida, que cuidava de nós como podia, até porque já tinha suas duas filhas, e morávamos em uma cidadezinha do interior de São Paulo, éramos trazidas para Presidente Prudente, para morar em casa de família.

A primeira casa que morei quando cheguei, fiquei deslumbrada, era uma casa grande de gente rica, ali eu fui a empregada da porta para dentro e a filha de criação da porta para fora. Eu não tinha salário, tinha roupas e comida, ia para a escola no ensino fundamental, mas no ensino médio foi onde eu percebi que gostava de estudar, porém muitas vezes não podia ir, nesse período eu já estudava à noite, e a minha “senhoria” não deixava eu ir se tivesse que lavar ou passar roupas pela noite. Isso me magoava muito, porque eu fui percebendo que na verdade eu não passava da empregada preta da casa, que comia só o que a senhora deixava e na hora em ela decidia. Eu percebi que havia diferença nos tratamentos comigo e com seus filhos e que se dependesse dela eu morreria sem fazer nada na vida, a não ser que eu me casasse.

Eu, por muitas vezes, sonhava em fazer cursos de computador e arrumar um emprego, ou trabalhar na Fundação Mirim que era onde as meninas da minha idade trabalhavam, mas a senhora nunca me deu essa oportunidade. Ela dizia que aquilo era para pessoas inteligentes, ou seja, não para pessoas negras como eu, que não sabia fazer mais nada além de limpar uma casa, cuidar dos filhos da patroa e agradecer ainda por ter a oportunidade de morar de graça, comer e se vestir. Estudar ou sonhar com um futuro diferente era proibido.

Eu nem imaginava que se tratava de discriminação racial todas aquelas coisas que eram feitas comigo, eu associava a ser pobre e órfã, já que meu pai nunca quis saber como estávamos vivendo. Hoje eu penso nisso e sinto uma dor muito grande ainda, crescer sem uma mãe por perto, não deveria acontecer com nenhum ser humano. Aquela época eu vivia o que hoje chamamos de trabalho análogo à escravidão, os direitos das crianças e dos adolescentes não era tão questionado naquele tempo e não existia políticas públicas para os cidadãos como tem hoje.

Depois dessa casa, eu fui morar em outras casas, a casa da mãe dela por exemplo, foi uma das piores lá eu chegava a passar fome e trabalhar o dia todo, quando um filho me oferecia comida, a senhora respondia que eu não queria ou que eu não estava com fome. Eu sentia muita vontade de sumir... mas sumir para onde

meu Deus? Eu não era nada, nem ninguém, era assim que as pessoas me viam e eu também.

Até que um dia ela recebeu uma visita de uma família de São Paulo, amiga da família dela. A mãe da família quando me viu se apaixonou por mim, observou tudo que acontecia comigo por uma semana e antes de ir embora ela me perguntou?

- Você quer morar comigo? Quer ir embora para minha casa? Eu disse sim, então, ela me levou e iniciou um processo de guarda. Lá eu fui amada, cuidada e projetada a ter um futuro melhor. Eu me considerava inteligente, eles me apoiaram a continuar os estudos, assim como faziam com os filhos deles. Lá eu pude viver coisas que nunca tive, e que certamente minha mãe me daria se ela estivesse viva. Mas eu tive que voltar para Presidente Prudente, por motivos de saúde e outras questões pessoais da minha mãe de coração. Eu fiquei em São Paulo por menos de 2 anos, vale ressaltar aqui que eu tenho contato e nos vemos até os dias de hoje. Ela se sente muito feliz por eu ter trilhado o caminho que estou hoje.

Eu voltei para a mesma casa que eu vim pela primeira vez, eu sabia que ia passar por tudo aquilo novamente e passei. Nessa época eu tinha 17 anos, e acabei engravidando de um namorado que me deixou assim que soube. Eu fui expulsa dessa casa e acabei indo morar na casa de uma de minhas irmãs. Tive minha filha e voltei a trabalhar em uma casa no centro da cidade. Dormia lá na semana e saía no sábado de tarde, retornava na segunda de manhã, minha filha morava com a mãe do pai dela. Eu só a via no sábado e domingo, eram os dias que eu ficava com ela. O salário que recebia era para ela ser sustentada na casa da vó.

Na gravidez dela eu estava no último ano do ensino médio, eu deixei de estudar, pois fiquei depressiva e sem perspectiva para futuro, não sabia como cuidar de mim e de uma criança. A menina que não teve mãe agora se torna mãe com 17 anos de idade, como seria minha vida dali em diante.

Com 19 anos casei com meu atual marido, na época ele tinha 18, por ser pobre, negra e sem muita instrução, eu só arrumava empregos em casas de família, recebendo salários baixos, só fazia para sobreviver mesmo. Por volta dos meus 25 anos, eu arrumei emprego em uma cozinha de restaurante, vida difícil, tinha dias que eu trabalhava de manhã, no almoço e na janta, era muito cansativo.

Meu esposo quando me via reclamar dizia: “termine seus estudos, volte a estudar, arrume algo melhor”, eu relutei muito, até que me inscrevi na Educação de

Jovens e Adultos (EJA), mas demorei 10 anos para finalizar, eu não via como isso ia me ajudar com quase 30 anos.

Eu voltei e finalizando o último ano eu vi uma propaganda de vestibular da Unesp, meu esposo me incentivou. Eu prestei o vestibular por meio do sistema de cotas raciais e passei, iniciei meus estudos em 2020 na Geografia.

Mas na minha vez tudo foi diferente, veio a pandemia, eu tive que desenvolver habilidades que nunca tive com todo esse processo, por 2 anos o estudo era remoto, eu pensava em desistir pelo menos uma vez ao mês.

Que bom que eu não desisti, porque assim que voltamos da pandemia, eu entrei em um projeto de extensão, e em seguida entrei no Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão Universitária (NUPE), grupo esse que estou até os dias de hoje. Espaço que pude conhecer várias pessoas pretas que se tornaram meus amigos, além de conhecer minha orientadora que me inseriu no mundo das pesquisas. Eu passei a me transformar intelectualmente e passei a entender sobre questões raciais, isso para mim foi um divisor de águas, eu me entendi enquanto pessoa negra, reconheci minha negritude e compreendi as situações narradas na infância e adolescência, devido ao racismo estrutural.

Quando eu descobri que pessoas como eu poderia mudar de vida através da educação, eu iniciei um processo dentro de mim, que me fazia percorrer caminhos entendendo que eu tinha o mesmo direito que uma pessoa branca, mesmo com minhas dificuldades e atravessamentos interseccionais. Na graduação participei de uma pesquisa de extensão e dois projetos de iniciação científica com financiamento. Tive professores que me ajudaram quando pedi ajuda, passei por racismo, lutei contra, me empoderei e constitui a minha identidade negra, hoje sei do meu valor e sei que não sou inferior a ninguém.

Quero seguir no caminho da pesquisa, mestrado e doutorado em Geografia, porque quero fazer disso minha vida, quero mostrar para meninas negras como eu e para meu filho, que a universidade, apesar de tudo, é para pessoas como nós. Eu tenho uma frase como bordão que é: “Antes de nós, existiram os que nos antecederam, e graças a eles eu estou aqui, e quero continuar na luta, para que além de mim venham mais pessoas”.

Hoje eu tenho um filho de 15 anos, que também quer ingressar na caminhada acadêmica, e para mim é um orgulho poder fazer por ele nessa idade o que nunca fizeram por mim.

Finalizar a graduação representa mais que a conclusão de um ciclo educacional; é uma vitória pessoal sobre as barreiras que me foram impostas desde a infância. Cada desafio enfrentado e cada obstáculo superado, contribuiu para minha formação, não apenas como estudante, mas como pessoa. Desde cedo, as dificuldades raciais, sociais e econômicas foram as sombras que acompanharam meu caminho. Muitas vezes essas barreiras pareciam intransponíveis e a dúvida se a Educação Superior era um objetivo alcançável pairava sobre mim. No entanto, ao longo dessa jornada, percebi que cada um desses desafios me fortaleceu e me impulsionou a lutar por um espaço que sempre quis ocupar.

A graduação simboliza a quebra dessas barreiras. Cada nota conquistada, cada aula assistida e cada amizade formada representam uma resistência à narrativa de exclusão. Ao me formar, não estou apenas cumprindo um requisito acadêmico; estou desafiando as expectativas que foram impostas a mim e provando que o sucesso é uma possibilidade real para todos, independentemente de sua origem.

Além disso, essa conquista é um passo em direção à mudança. Ao finalizar minha graduação, quero ser um exemplo para outros que se sentem desencorajados. Quero inspirar jovens que, como eu, enfrentam barreiras e dúvidas, mostrando que é possível transformar a realidade e fazer valer a própria voz.

Portanto, esta graduação não é apenas um final; é um novo começo. É a afirmação de que a educação é um poderoso instrumento de transformação e que juntos podemos continuar a quebrar barreiras e construir um futuro mais inclusivo e igualitário.

INTRODUÇÃO

A Geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico, considerando o lugar onde se manifestam todos os fenômenos sociais, que é produzido a partir das dinâmicas sociais relacionadas ao ser humano e o meio onde habita, as vivências, experiências e subjetividades, são estudadas a partir da Geografia humanista.

O espaço é vivido e percebido de maneira diferente pelos indivíduos, uma das questões decisivas da análise geográfica que se coloca diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço. Essa Geografia procurou demonstrar que para o estudo geográfico é importante conhecer a mente dos homens para saber o modo como se comportam em relação ao espaço (Lencioni, 2003, p. 152).

O humanismo na geografia destaca os valores, significados, percepções através das práticas sociais dos indivíduos em suas relações com o espaço. O interesse na pesquisa, veio através do meu envolvimento com o grupo de pesquisa NUPE. Ao longo dos anos, passei a considerar a universidade como um espaço de pertencimento, compreendendo que é meu lugar e tenho direito, como qualquer pessoa, ao acesso à uma educação superior e de qualidade.

Por isso me interessei em identificar como outros estudantes negros percebem a universidade, notadamente suas percepções no que toca o conceito de lugar, contribuindo nas reflexões sobre o espaço da universidade, e de como ele é na perspectiva dos alunos, de modo especial do curso de Geografia, ou seja, se é entendido como um lugar de pertencimento ou não pelos estudantes negros. Além disso, buscamos identificar quais espaços acadêmicos contribuem para a sua afirmação e como são suas vivências na escala da cidade.

Diante dessas considerações, nasceu esse Trabalho de Conclusão de Curso que envolve o pertencimento e as trajetórias dos estudantes negros do curso de Geografia da FCT-UNESP na perspectiva do lugar. O objetivo é discutir o conceito de lugar com base na interpretação das trajetórias dos estudantes negros do curso de Geografia da FCT-UNESP ingressantes nos anos de 2020 a 2024, compreendendo se a universidade se expressa enquanto um lugar para eles, a partir de suas vivências, atravessamentos e percepções ao longo do seu percurso acadêmico.

Em 2023, finalizei uma pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC 2022/2023) sobre a presença de estudantes cotistas na Faculdade de Ciências e Tecnologia

(FCT-UNESP) que identificou uma ampliação de graduandos que se autodeclararam negros (pretos e pardos) no espaço da universidade. Ingressar numa universidade pública é maravilhoso, mas assim como muitos estudantes negros, me deparei com um espaço estranho, onde não me via pertencente. Foi apenas com minha inserção no NUPE e em estudos sobre conceitos étnico-raciais discutidos dentro do coletivo, que fui desenvolvendo um sentimento de pertencimento a esse espaço universitário, frequentando lugares que antes não circulava, e que contribuíram para a afirmação da minha identidade, como pessoa negra.

No final de 2023 para 2024, iniciei a segunda pesquisa PIBIC, com o objetivo de estudar a história do NUPE, seu passado, presente e futuro, onde obtivemos como resultados grandes ações do coletivo, que está ativo desde dos anos 2000, atuando dentro da universidade como um agente contra o racismo, o epistemicídio, além de pesquisas dos mais variados temas dentro da temática racial.

O NUPE foi e é um lugar de pertencimento para mim, assim como é para outros estudantes negros, suas ações dentro da FCT-UNESP acolhem alunos negros e não negros, dando a esses estudantes arcabouços teóricos e fomentando pesquisas sobre a temática étnico-racial, além dos projetos de extensão que são elaborados e desenvolvidos em escolas públicas estaduais e municipais do município de Presidente Prudente. Dentro da universidade, o NUPE vem apoiando e inserindo autores negros, diminuindo o epistemicídio e a exclusão da história e cultura afro-brasileira.

Neste aspecto, lugar e experiência são objetos indissociáveis. Para contemplar isso, utilizamos metodologias qualitativas, que se baseiam em questionários, mapeamentos de origem e permanência atual dos alunos e análises documentais que nos embasaram em todo o processo da pesquisa. Os instrumentos que são utilizados na realização da pesquisa bibliográfica foram livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicadas, todas relacionadas à questões de pertencimentos de pessoas negras a partir do conceito de lugar e matérias referentes às temáticas negras no Brasil.

A pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002), é realizada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma

pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

Por sua vez, Ludke e André (1986) destacam que a análise documento:

[...] constitui-se numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. O uso da análise documental nunca deve ser ignorada, quaisquer que sejam os outros métodos de investigação escolhidos (Ludk e André, 1986, p. 39).

Desse modo, os documentos são fonte repleta de informações sobre a natureza do contexto. Os documentos constituem uma fonte poderosa, da qual podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador.

Coutinho (2011) dialoga sobre os questionários afirmando que seu uso traz inferências e generalizações, nesse caso os questionários viabilizam uma quantidade suficiente de dados dos respondentes selecionados na pesquisa. Nossos questionários foram respondidos por estudantes de Geografia, ingressantes entre os anos de 2020 a 2024.

Esta pesquisa está estruturada em 5 momentos. No primeiro momento, fizemos uma abordagem nas bibliografias com temas como: o lugar do negro na sociedade, cotas raciais, pertencimento, racismo institucional e o conceito de lugar na geografia humanista, utilizando autores importantes na elaboração de nosso embasamento teórico.

No segundo momento, com os documentos obtidos por meio da Seção Técnica de Graduação da FCT-UNESP, pudemos identificar as origens dos alunos e mapear as cidades de onde vieram. A partir dessas informações, elaboramos mapas temáticos quantitativos, em que utilizamos o *software QGIs*. Também foi enviado aos alunos o questionário (Apêndice A) com perguntas que definem gênero, sexo, idade, suas espacialidades na universidade e suas percepções.

O terceiro momento foi destinado a analisar as respostas dos questionários estabelecidos e, com isso, produzimos gráficos e tabelas que facilitam a visualização e interpretação dos dados contribuindo para a interpretação mais aprofundada das vivências e trajetórias dos estudantes.

O quarto momento foi de organização teórica onde abordaremos os conceitos que permearam esta pesquisa. O primeiro capítulo, discute os conceitos de raça e racismo, com ênfase na branquitude no Brasil. Para isso, utilizamos autores como: Todorov Musse em seu livro “Nós e os outros - A reflexão francesa sobre a diversidade humana” (1993); Grada Kilomba, com seu livro “Memórias da plantação” (2019); Lilia Moritz Schwarcz com “O espetáculo das raças” (1993); Kabengele Munanga (2010); Silvio de Almeida (2019); e Cida Bento (2002).

O subcapítulo discute o lugar do negro na sociedade desde a escravidão até a contemporaneidade, por isso utilizamos os autores Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg em seu livro, “*Lugar de negro*” (2022); Frantz Fanon (1980); Octavio Ianni (2004); João José Reis e Eduardo Silva (1899); e IBGE (1980).

O segundo capítulo aborda uma breve discussão sobre o lugar do negro na educação, o subcapítulo traz a progressão de alunos negros na universidade por via das políticas públicas, como as cotas raciais na Unesp.

Já no terceiro capítulo, abordamos o lugar e pertencimento a partir dos autores Yi Fu Tuan (1983), Doreen Massey (2001,2007), bell hooks (2022) e Stuart Hall (2000). Entraremos brevemente no conceito de topofobia, embasados em Yi-Fu Tuan (1983).

No quinto momento, discutimos os resultados da pesquisa que tem cinco categorias: a primeira será a categoria A, trazendo perfil dos estudantes, a segunda é a categoria B espacializando os locais de origem, a terceira traz a universidade e os projetos, a quarta traz o pertencimento, e a quinta uma discussão pertinente sobre os resultados alcançados. Por fim, apresentamos as considerações finais.

CAPÍTULO 1 - RAÇA, RACISMO E O PAPEL DAS ESTRUTURAS SOCIAIS: COMPREENSÃO E DESAFIO NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE

Neste capítulo discutiremos os conceitos de raça e racismo no Brasil a partir dos vestígios da escravidão, que se relacionam com o racismo em suas estruturas desde Brasil colônia, pois é importante discutir raça e racismo nas bases do colonialismo e na contemporaneidade. Discutiremos, assim, a historicidade da população negra escravizada e estigmatizada até os dias de hoje.

Por fim, analisaremos o lugar do negro pré-estabelecido pelo racismo estrutural, que sempre ditou onde o negro deveria ou não estar em todas as conjunturas sociais.

1.1 Conceito de Raça e Racismo

A origem do termo “raça” advém da zoologia e botânica, inicialmente essa terminologia se propunha a classificar animais e vegetais, atualmente esse termo ganhou contornos de classificação da diversidade humana em grupos contrastados fisicamente (Fanon, 1980).

Raça tem um campo semântico de fato temporal e espacial. Na era medieval tratava de uma complexidade que revelava questões de pertencimento e identidade adquirida através desse conceito que designa a descendência, a linhagem e a ancestralidade. Segundo Munanga (2010), em 1684 o termo “raça”, passou a ser usado no sentido moderno, para classificar grupos distintos. A raça passou a influenciar as classes sociais na França, onde francos de origem germânica eram nobres e gauleses eram plebeus, nobreza era raça pura e plebeus raça inferiores até passíveis a serem escravizados.

Musse (1993) destaca que os iluministas contestam a história da humanidade colocada pela igreja, através da racionalidade que explica o mundo, assim nas descobertas sobre outros povos e territórios, nas invasões europeias, agarram-se ao conceito de raça já existente nas ciências naturais para classificar os povos que não fossem eles. Logo, os que não eram europeus eram os “outros”, tal classificação teria servido numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo.

Para o racista, a compreensão de raça ultrapassa a questão de características físicas, ela inclui questões de religião, linguística e cultura, partindo da ideia de que um grupo é inferior ao outro.

Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc., que ele considera naturalmente inferiores ao grupo à qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas (Munanga, 2010, p. 5).

Kilomba (2019) define o racismo em três características. A primeira é a construção da diferença, as diferenças dos sujeitos negros como origem racial e religião, o negro é um sujeito diferente do branco, ou branco é sujeito diferente do negro. A segunda é a diferença, o branco sendo diferente, ocupa um estado hierárquico e superior, sendo o patrão, o dono. A terceira característica é a junção das duas primeiras, formando o poder. Da ligação entre a diferença e o poder, surge o racismo.

É importante contextualizarmos sobre o racismo estrutural e sobre as pessoas negras que estão em sua maioria excluídas das organizações políticas e sociais no Brasil. De acordo com Almeida (2019), o racismo é sempre estrutural, integrando a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável. Manifesta-se economicamente de maneira objetiva, como quando políticas econômicas estabelecem privilégios para o grupo racial dominante ou prejudicam as minorias. O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" como se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social ou um desarranjo institucional.

Portanto, o racismo estruturou todas as bases da construção da sociedade brasileira, influenciando historicamente a posição e o modo de vida que a população negra foi e continua sendo submetida às margens da sociedade, sem a possibilidade de usufruir de direitos assegurados constitucionalmente por conta da forma que o

racismo se expressa. Desse modo, a população negra convive com inúmeras desigualdades sociais.

As desigualdades sofridas pela população negra existem desde a escravização, pautada por um racismo que se baseava na inferiorização de grupos, o que acaba aumentando ainda mais os benefícios da branquitude. Para falar de branquitude, temos que voltar um pouco na história do Brasil, em meados da abolição dos escravizados negros, na época da primeira república, em que o negro liberto passa a ser visto como um sujeito perigoso, um peso para a sociedade, apesar de liberto, não era reconhecido pela sociedade, era visto como mendigo e vivia em uma condição miserável pelas ruas da cidade (Schwarz, 1993).

Segundo Schwarcz (1993), os cientistas sociais traziam o desafio de resolver a questão da mestiçagem no Brasil, o maior problema era como manter-se próximo aos moldes europeus de civilização que consideravam negros e mestiços não civilizados. A autora evidencia que o Brasil era descrito como um país formado por diferentes raças miscigenadas, e pelo meio da depuração com o branqueamento, essas raças passariam por um processo acelerado de cruzamento e seriam depuradas mediante uma seleção natural (ou talvez milagrosa), levando a supor que o Brasil seria algum dia branco. Ou seja, os negros seriam assimilados pelos brancos, o modelo padrão universal da humanidade, mais tarde esse processo ganha o nome de eugenia.

No caso do Brasil e da América Latina, a mistura das raças provocada pela mestiçagem, fez o país ser malvisto fora da América Latina. Como resposta a esse fenômeno, se inicia as políticas de branqueamento, como o incentivo à imigração, trazendo europeus para morar e trabalhar nas fábricas, que aumentavam no Brasil devido a revolução industrial (Fernandes, 1964).

Azevedo (1987) relata que a política de imigração aplicada nas províncias de maiores riquezas, no caso do Centro-Oeste, impactou profundamente o restante do país, dificultando, assim, o acesso ao emprego dos ex-escravizados, sendo trocados nas fábricas pela mão de obra dos europeus brancos, o que fazia com que a população negra voltasse às fazendas de seus senhores.

Por fim, as políticas de branqueamento tinham como objetivo o desaparecimento do negro através da “salvação” do branco de sangue europeu, e este alvo permaneceu como ponto central da política nacional durante o século XX (Nascimento 1978).

A branquitude surge como um pacto silencioso entre os brancos, que se dá através de privilégios, favores e proteção. Não é um pacto formal ou explícito, mas é percebido com as formas que os brancos se organizam na sociedade, passando a excluir todos os que não são brancos.

Kaes nos mostra que os produtos do recalque e os conteúdos do recalcado são constituídos por alianças, pactos e contratos inconscientes, por meio dos quais os sujeitos se ligam uns aos outros e ao conjunto grupal, por motivos e interesses superdeterminados. Esse acordo inconsciente ordena que não se dará atenção a um certo número de coisas: elas devem ser recalçadas, rejeitadas, abolidas, depositadas ou apagadas (Bento, 2002, p. 20).

Para Cida Bento (2002), a invenção da branquitude partiu do próprio branco, como uma construção social e identitária, causando, assim, desigualdades e aumento do racismo estrutural: “Eles reconhecem as desigualdades raciais, só que não associam essas desigualdades raciais à discriminação e isto é um dos primeiros sintomas da branquitude” (Bento, 2002, p. 29).

Com isso, grupos de pessoas negras sempre foram vistos como grupos inferiores e sem valores a agregar, além de carregarem estigmas e estereótipos por não serem um modelo de humano universal aceito pela sociedade, esse estigma é carregado até os dias de hoje, como por exemplo o genocídio que atinge a população, levando em conta sua condição social e sua cor.

Por muito tempo no Brasil era proibido falar de racismo, não deveria falar de algo que não existia. Foi criado um mito da democracia racial, em que se passava ao mundo que no país não existia racismo, todos eram tratados como iguais. Diante disso, a falsa democracia racial era atacada por grupos sociais negros, principalmente na época da ditadura, onde a população que mais sofria os impactos eram pessoas pobres e negras.

Através da luta constante do movimento negro por políticas públicas antirracistas, uma pesquisa acadêmica foi encomendada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com pesquisadores como Florestan Fernandes, para constatar que não existia racismo no Brasil, como uma forma de usar o país como modelo de democracia a ser seguido pelo mundo, principalmente após o holocausto e crimes cometidos em nome da raça na Segunda Guerra Mundial.

Segundo Fernandes (1978), o resultado do laudo aparece apontando o Brasil com problemas sociais que atingia em sua maioria as pessoas pretas denotando assim um problema de classes, o resultado desmistifica o paraíso racial que o Brasil pintava de si mesmo para os outros países.

Essas pautas passam a ser ouvidas e discutidas, além delas, se inicia a discussão da interseccionalidade, que leva em consideração as subjetividades dos grupos de pessoas, considerando sexo, gênero, classe social e raça. Consequentemente, os problemas raciais entre essas populações eram maiores e passam a ser abordadas pelo Movimento Negro que trabalhou contra a discriminação racial e pela afirmação da identidade negra como posição política, além de todas as vertentes que sustentam e influenciam as mais diversas formas de luta contra racismo historicamente no Brasil.

Ele nasceu em meados da ditadura militar por volta da década de 1970, como forma de denúncia da situação social da população negra no país, sobretudo para indagar a falsa democracia racial que se fortalecia cada dia mais, legitimando então a ideia de que no Brasil não existia racismo, todos eram vistos como iguais, a ideia da harmonia das raças era vendida como maneira de reproduzir um sistema de violências voltada contra os corpos negros.

1.2 O lugar do negro na sociedade

A população negra no Brasil tem ocupado na sociedade um lugar pré-estabelecido pela branquitude, haja vista não vemos pessoas negras em lugares elitizados. Se observarmos, encontraremos em maioria em cargos menos valorizados, aumentando assim a desigualdades sociais e raciais. A discriminação racial e o racismo estrutural determinam os ambientes ou estabelecimentos que pessoas negras podem frequentar. (Almeida, 2019)

Segundo Gonzalez e Hasenbalg (2022, p.10), quando trazem a frase de Millor Fernandes: “[...] no Brasil não existe racismo, porque aqui o negro conhece seu lugar”. Aqui vemos um lugar socialmente compreendido pelo racismo que delimita o lugar da pessoa negra a partir de uma hierarquização socialmente e historicamente estabelecida desde a escravidão.

No período colonial, Gonzalez e Hasenbalg (2022) apontam que o lugar natural do negro era a senzala e as posições subalternizadas. Quando pensamos na contemporaneidade, as pessoas negras são relegadas às áreas desvalorizadas do espaço urbano, atingidas pela segregação socioespacial, e enfrentam dificuldades para ascensão social.

A ideia de lugar para Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (2022) está associada ao negro como forma de resistência às práticas de discriminação sofrida. No caso das mulheres negras, se relaciona como o lugar emancipatório e político que é forjado pelo feminismo negro, que imbrica na construção de lugares apropriados.

Para Fanon (1980), o negro sempre foi colocado de forma hegemônica no lugar que se possa existir historicamente e geograficamente, assim a população negra em sua maioria ocupa a posição inferior na sociedade que dita as suas estruturas sociais e econômicas que definem as desigualdades sociais: “Quando a civilização europeia entrou em contato com o negro... todo o mundo concordou: esses negros eram o princípio do mal... negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais...” (Fanon, 1980, p. 154).

Portanto, para o negro restava apenas o lugar de marginalização, visto como mendigo, desafortunado e de pouca inteligência, com biótipo de criminoso, aparência feia, o seu lugar era tido como o da detenção e das margens da sociedade. Com poucos avanços na revolução burguesa e com a expansão econômica do Brasil, Ianni (2004) nos traz a inserção do negro no mercado de trabalho, mas de forma a favorecer o sistema econômico e a burguesia:

Nesse sentido é que a revolução burguesa não resolveu o problema racial. Transformou o negro, índio e imigrante em trabalhadores; mas não os transformou em cidadãos. Nos institutos jurídicos obviamente está estabelecido o princípio de que todos são iguais perante as leis, independente de raça, sexo, religião, classe e outras diversidades sociais. Mas essa igualdade jurídica é formal, abstrata, ilusória, quando se trata de camponês, operário, empregados, funcionários, na fazenda, fábrica, escritório. Na prática, há uma larga desigualdade racial, entre outras desigualdades sociais, além das diferenças de classes. No máximo, uns e outros aparecem como cidadãos para vender e comprar mercadorias; destacando-se a força de trabalho. Por isso o povo não se constitui, senão com muitos obstáculos. Todos são cidadãos de categoria inferior, apenas para exercerem sua função de trabalhadores [...] (Ianni, 2004, p. 355).

Desde a escravização conforme Reis e Silva (1899), o negro era alojado em senzalas, local esse que ficava longe da casa dos senhores, ou aos fundos da propriedade, como pude observar em uma visita a uma senzala em ruínas no Paraná em 2023. Há exemplos em que os escravizados trabalhavam das 6 horas da manhã até às 21 horas, com direito a uma folga por semana. Em algumas propriedades acontecia a “Brecha Camponesa” como forma de diminuir a resistência dos escravizados, os senhores “davam” um pedaço da propriedade onde o negro pudesse plantar e fazer uso e fruto da terra, só poderia vender ao patrão os frutos do seu trabalho, desse modo, continuava à mercê do seu senhorio, mas acreditava ter um lugar onde morar, comer e se vestir.

Com a abolição da escravidão, muitos desses ex-escravizados, se mantiveram com seus senhores por não saberem outra forma de viver, e outros ficaram à mercê da sorte, alguns foram para o interior das cidades. Gonzalez e Hasenbalg (2022), discorrem sobre meados dos anos de 1964, onde acontece o golpe militar e com ele toda uma nova conjuntura e mudança no país, as novas mudanças econômicas, fizeram com que as ligas camponesas, em sua maioria constituídas por pessoas negras, se dispersassem por causa da nova aliança entre o estado militar.

As multinacionais e o grande empresariado local iniciaram um processo de enriquecimento de poucos e empobrecimento de muitos, sem contar na entrada do capital estrangeiro no país que amplia a industrialização, fazendo desaparecer as pequenas empresas e as pequenas propriedades no campo como as famílias camponesas, dando lugar aos grandes latifúndios.

Esse fato faz com que essas famílias saiam de suas propriedades e percam seus pequenos negócios, isso caracteriza o processo de êxodo rural. Nesse contexto, ocorre o inchaço das cidades, segundo o IBGE (1980), a população urbana passa a ser de 67% do seu total. As pessoas precisavam de moradia e acabaram indo para os morros e favelas das cidades, estabelecendo moradias em loteamentos periféricos, irregulares e ilegais.

Os dados do IBGE (2023), com a Síntese de Indicador Social sobre as Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, mostraram que o rendimento-hora da população ocupada branca é de R\$ 20, por outro lado a população negra recebe em média R\$ 12,40 por hora.

Ainda segundo o IBGE, pessoas pretas ou pardas ocupavam a grande maioria dos postos de trabalho em atividades com menores rendimentos médios. Em serviços domésticos, por exemplo, eram 66,4%; na construção, 65,1%; e na agropecuária, 62%. O IBGE destaca que 40,9% do total de trabalhadores do país ocupa posições informais. Entre mulheres pretas e pardas, esse percentual subiu para 46,8%; entre homens pretos e pardos, 46,6%. Já entre as pessoas brancas, a proporção de trabalhadores na informalidade ficava abaixo da média do país: 34,5% entre as mulheres e 33,3% entre os homens.

Diante dos dados do IBGE (2023), fica evidente as desigualdades historicamente sofridas pela população negra no Brasil, desse modo, há uma pirâmide onde a população negra tem sido a base, e a população branca se encontra no topo, ocupando lugares de acessos privilegiados de uma nação que constitui suas riquezas e economias através da mão de obra de minorias, inferiorizadas e escravizadas.

CAPÍTULO 2 - DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO: A LUTA DO NEGRO PELA EDUCAÇÃO E O IMPACTO DAS COTAS RACIAIS.

Este capítulo discute como a população negra foi proibida, por anos, de frequentar escolas e universidades. Por exemplo, por meio da Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837, que instituiu: “São proibidos de frequentar as escolas públicas: Primeiro: pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos (Brasil 1837).

Todavia, nosso foco é demonstrar como passamos de uma exclusão para inclusão, principalmente por meio da Lei 10.639/2003 e da Lei 12.711/2012, que instituíram o debate das questões raciais nas escolas e a reserva de vagas para estudantes pretos e pardos nas universidades, respectivamente.

A partir desses fatos, trataremos da luta pela inserção da população negra na educação através das políticas de ações afirmativas, que deram o direito de estudar em cursos superiores como uma reparação histórica que ainda tem muito a se desenvolver. Além disso, deve-se buscar formas de contemplar um número maior de estudantes e subsídios de suas permanências.

2.1 O negro na educação e na universidade

A população negra sempre foi privada de alguma maneira no Brasil, primeiro a privação da liberdade, depois a privação da identidade e do acesso à saúde, mais tarde proibição de ter acesso a terras e a privação da educação. Para chegarmos às leis de políticas públicas de hoje, demorou centenas de anos.

A próxima lei que encontramos é a Lei da Constituição de 1934, Lei que instituiu o processo de eugenia no Brasil, conforme exposto no artigo 138: “a União, os Estados e aos Municípios, nos termos das respectivas leis caberia: a) estimular a educação eugênica” (Brasil 1934). A lei foi uma estratégia utilizada como forma de elevar o nível das classes sociais da população com matrimônios apenas com os iguais, e de estabelecer a educação como melhoria racial, o que foi defendido pelo Presidente da República Getúlio Vargas (1934) na leitura da Constituinte:

Todas as grandes nações, assim merecidamente consideradas, atingiram nível superior de progresso pela educação do povo. Refiro-me à educação,

no significado amplo e social do vocábulo: física e moral, eugênica e cívica, industrial e agrícola, tendo por base a instrução primária de letras e a técnica e profissional (Brasil, 1934, p. 105).

Assim se constituiria a base aperfeiçoada da população brasileira, com estímulo das forças políticas legislativas para a criação de uma educação eugênica e, com isso, o incentivo à higiene social do Brasil. Nos dias de hoje, entrar na universidade para muitos, é um processo que traz um preparo que antecede os vestibulares, cursinhos e dedicação, que permite que se consiga alcançar o tão sonhado diploma. No Brasil esse processo para pessoas negras diverge com um pouco mais de dificuldades e barreiras, primeiro do racismo, a barreira social e histórica onde vimos que as universidades não foram construídas para pessoas negras, sendo um espaço negado a elas. Devemos considerar o racismo institucional que existe dentro das instituições, segundo Almeida (2019), a discriminação racial e o racismo estrutural determinam os ambientes ou estabelecimentos que pessoas negras podem frequentar.

A segunda barreira é a das desigualdades, e essas são muitas, por exemplo as condições socioeconômicas, a discriminação racial e a exclusão social com a falta de inclusão e acolhimento, além da falta de representatividade, considerando que dificilmente encontramos professores negros nas universidades. Devemos também levar em conta o déficit educacional que se carrega quando o aluno vem de escola pública, onde ainda há uma falta de preparação para entrar em uma universidade. Há ainda as barreiras de trabalho, em que os alunos que trabalham, muitas vezes o dia todo, tem que frequentar a universidade à noite, sem saber como e se vai conseguir permanecer, o que pode resultar em evasão. A discriminação educacional, juntamente com a discriminação racial exterior ao sistema educacional, atuou para produzir a exclusão virtual dos não brancos das escolas secundárias e das universidades (Hasenbelg, 2005, p. 193). Como citado pelo autor, os negros em sua maioria sempre foram excluídos do acesso à educação e, mesmo dentro de suas limitações, a educação é um instrumento de transformação e ascensão social para a população negra.

Bento (2022) realizou uma pesquisa em instituições com o maior número de pessoas brancas, a pergunta era: como estava sendo para eles verem negros adentrando nesses ambientes de trabalho como colegas de trabalho. Na resposta, a autora nos traz que “os negros eram vistos como invasores do espaço privativo do

branco, os negros ocupam espaços de privilégio, poder e mando, quando se colocam a posição de igualdade são percebidos como concorrentes” (Bento, 2022, p. 74.)

Em suma, para os alunos negros, permanecer dentro da universidade implica não somente em finalizar a graduação, ou se inserir em espaços como profissional em sua minoria negra, mas também lutar contra os obstáculos que são impostos pelo racismo estrutural e institucional, além de buscar meios de resistência e uma contínua luta contra as consequências impostas pelo racismo, onde são levados a sempre buscar por uma universidade mais justa, com uma educação equitativa e acessível a todos.

2.2- As cotas raciais na Unesp

O cenário histórico de desigualdade no âmbito da educação, conforme demonstrado na seção anterior, começou a sofrer modificações no final do século XX e início do século XXI. Nos últimos 25 anos, as discussões sobre racismo, discriminação e preconceito, adquiriram significativos espaços de visibilidade, sobretudo após o ano de 2001, quando o governo brasileiro se tornou signatário do documento elaborado em Durban (África do Sul), durante a III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas conexas de Intolerância, comprometendo-se a elaborar políticas de combate ao racismo e a discriminação, uma delas foi a lei de cotas (Munanga, 2022).

A Lei das Cotas, Lei Federal nº 12.711 foi aprovada em agosto de 2012, como política pública de ação afirmativa na Educação Superior. Essa Lei garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais e nos institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência.

As vagas reservadas às cotas são subdivididas, metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário-mínimo e meio per capita, e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário-mínimo e meio. Em ambos os casos, também será levado em

conta o percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas.

A implantação das cotas raciais nas universidades públicas brasileiras, tem como intuito, reduzir a desigualdade nas relações sociais e promover a emancipação de um povo que por muito tempo foi segregado política, social e culturalmente no Brasil. A oportunidade de acesso às instituições públicas de ensino a estudantes de baixa renda e estudantes declarados pretos, pardos e indígenas, traz uma nova perspectiva não somente de construção da universidade como um espaço de pertencimento, mas também de democracia e equidade:

Desse modo, o sistema de cotas nas universidades tem por objetivo reparar injustiças históricas advindas da escravidão, pois mesmo depois de serem libertos eles não obtiveram o direito às terras, à inserção no mercado de trabalho, o que resultou no difícil acesso às escolas e consequentemente ao ensino superior, gerando menor espaço no mercado de trabalho para as populações de origem afro-brasileira do pós-abolição.

Recentemente foram criadas alternativas para diminuir tais desigualdades; uma delas é a implantação de cotas raciais e sociais nas universidades brasileiras, fato que permitiu o aumento de alunos negros e de baixa renda no Ensino Superior (Oliveira, 2020, s.p.).

Em 2023, finalizei uma pesquisa de iniciação científica, onde o objetivo era compreender a inserção da população negra cotista na FCT-UNESP, como resultado identificamos um número que crescia no decorrer dos anos, de 2017 a 2023, três anos após a Unesp iniciar a inserção de cotas em seu sistema, em 2014. Os dados coletados sobre o perfil dos estudantes, considerando a FCT-UNESP no período de 2017 a 2023 apresentaram um total de 3.252 alunos, desses estudantes, 1002 alunos se declararam pretos e pardos, e 569 utilizavam as cotas, totalizando apenas 17,50% de matriculados cotistas. O número de pessoas que se declaram brancas na universidade ultrapassam 65% do total de alunos, o que evidencia que a FCT-UNESP é composta em sua maioria por alunos brancos.

Isso significa que a universidade vem enegrecendo seu campus, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido na busca por equidade. Foi a partir dessa pesquisa, que passamos a investigar mais a fundo as questões sobre o ingressante negro e as questões étnico-raciais que se tornaram cada vez mais necessárias dentro da UNESP. Como forma de operacionalizar a continuidade da pesquisa,

estabelecemos o recorte do curso de Geografia, nossa área, para compreender se os estudantes cotistas entendem a universidade como um lugar de pertencimento.

CAPÍTULO 3. CONCEITO DE LUGAR E PERTENCIMENTO

No meio do ano de 2024, realizei uma viagem técnica de afroturismo para São Paulo, os pontos turísticos eram especialmente lugares relacionados à ancestralidade do povo negro. Em vários lugares que passei, pude observar nas pessoas que viviam nele suas identidades relacionadas ao pertencimento com cada um desses lugares, todos eles inspiraram com as experiências, os símbolos e ainda mais com as historicidades que continham. Todos tinham em comum a resistência, dessa forma pude compreender que pertencimento traz resistência e identidade coletivas.

O lugar que mais me chamou a atenção foi um quilombo do Vale do Ribeira, onde ao ouvir as narrativas dos anfitriões, observei o pertencimento deles àquele local, que antes era o lugar de escravizados e agora se tornou a casa que, de alguma forma, lhes imprimem símbolos e significados. Através de muita resistência temporal, o lugar se tornou e é até os dias de hoje o lugar onde eles pertencem, com todos os modos de vivências culturais e ancestrais que ainda carregam.

O que quero explicar aqui, é o fato de o lugar que não pertencia a eles, o não lugar, seus cativos quando sequestrados de sua nação, esse lugar que tinha tudo para ser as paisagens do medo, hoje é o lugar onde recebem pessoas e ensinam como pertencer, resistir, se identificar e perpetuar a existência através da ancestralidade. O objetivo desse capítulo é teorizar sobre o lugar, na perspectiva do pertencimento, para compreendermos se a universidade pode se tornar um lugar para os estudantes negros.

3.1 Lugar

Partindo do conceito de lugar como pertencimento, através da experiência que tive nesta viagem, início contextualizando que a perspectiva adotada nesta pesquisa é a de que lugar e pertencimento partem das vivências e das experiências subjetivas, que por sua vez implicam no entendimento de um determinado espaço como um lugar, atribuindo afetos, símbolos, resistências locais e dimensões culturais e identitárias.

A Geografia nos permite compreender o mundo e todas as formas que ele se estabelece no espaço através dos seus conceitos. Dentro do amplo referencial

epistemológico da Geografia, adotamos a Geografia humanista, que se preocupa fundamentalmente em entender de que modo as pessoas, nas suas subjetividades, captam o ambiente e o território a partir das culturas e socialização e experiências.

Tuan (1983) descreve o lugar mais a partir de uma dimensão cultural-simbólica do que uma dimensão de poder, nesse caso, o lugar está para o cultural e o simbolismo, assim como território está ligado à dimensão de poder. Segundo Tuan (1983, p. 14): “as relações de espaço e lugar na experiência, o significado de espaço mais frequentemente se funde com o de lugar, espaço é mais abstrato do que lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Transitando nesses espaços humanizados como espaços vividos, vinculando experiências positivas, Tuan (1983) chama de topofilia aquilo que traz sentimentos de bem-estar e sentimentos positivos.

Segundo hooks (2022), os valores do pertencimento são, com efeito, os sintomas de uma forma particular de estar no mundo, juntos eles constituem um modo dinâmico. Nesse sentido, o lugar influencia valores, crenças, saberes e identidade, as transformações de acordo com a vivência de cada sujeito torna possível o desenvolvimento do pertencimento, vem da sensação de fazer parte do lugar, todos esses elementos juntos se tornam indissociáveis. Esse pensamento de hooks (2022) dialoga com as afirmações de Tuan (1983).

Massey (2001, 2007), embora em uma perspectiva diferente de Tuan (1983), oferece contribuições para pensar sobre a heterogeneidade de pessoas no lugar. Segundo a autora, um lugar reúne questões emergentes, políticas, econômicas, culturais e de identidade, trazendo interseccionalidade de gênero, sexualidade e étnico-racial, essa visão nos aproxima da intenção de como trataremos o lugar na perspectiva da pesquisa, buscando o pertencimento de sujeitos a partir das suas experiências e marcadores corporais.

Existem lugares que imprimem sensações, memórias e sentimentos, por exemplo, ao pensarmos nos quilombos, lugares onde os escravizados se refugiavam, percebemos que ele era visto como resistência, lugar de apoio, de luta, uma casa do outro lado do continente. Para o negro, chegar no quilombo era como voltar para casa, era poder praticar sua religião, cantar suas cantigas, estar próximo dos seus sem as amarras ou o chicote que lhe atingia, a sensação de voltar para

casa lhe dava pertencimento a aquele lugar.

Dessa maneira, nós projetamos em nossas identidades culturais, ao mesmo tempo em que absorvemos seus significados e valores, tornando-os parte de nós mesmos (Hall, 2000). Neste caso, o lugar influencia na constituição da identidade, uma vez que ela é formada coletivamente, ao compartilharmos nossa identidade estamos compartilhando uma herança racial que acaba se transformando em pertencimento, além de ter a possibilidade de despertarmos outras pessoas para conhecerem sua identidade.

A identificação de pertencimento do sujeito diante dos valores e conteúdos relacionados à realidade histórico-cultural própria desse contexto, incide em sua identidade e abre caminho para que ele se reconheça enquanto pertencente. Encontrar um lugar onde sujeitos se organizam em comum objetivo, seja ele qual for, traz a sensação de luta coletiva, objetivos coletivos, isso não só fortalece os laços, mas cria um local seguro onde vozes podem ser ouvidas e respeitadas, histórias e experiências podem ser compartilhadas e onde subjetividades aludem-se com as identidades recriadas, criando novas realidades.

Bourdieu, Accardo e Ferguson (1999) *apud* Mariosa et al (2022, p. 8) sinalizam para as interações que se realizam no interior de microcosmos sociais. Situações como as de vizinhança, trabalho, convívio social no ambiente escolar e na família, são particularmente importantes para a construção das identidades, assim as experiências que nos moldam, contribuem para novas personalidades e identidade pessoal e pode estar ligado ao coletivo ou grupo social que estamos inseridos.

Nesse caso a identidade está associada a atitudes, expectativas e interesses, esses fatores acabam por influenciar os sujeitos, sendo assim, a identidade resulta das interações sociais na sociedade. Para Gati (2013) esses elementos são multideterminantes dos modos de ser de profissionais, e assim, ele conduz o sujeito às escolhas de profissão, tipo de trabalho ou de formação acadêmica. Nessa perspectiva, são decisões que se tomam tendo como referência os limites e as possibilidades do meio social em que se está inserido, como por exemplo a escolha dos estudantes em serem professores de Geografia, no caso em particular dos alunos da pesquisa.

Para Tuan (1980), o lugar está ligado ao afeto, seja positivo ou negativo, os lugares imprimem algum tipo de sentimento, e isso leva o nome de lugares

topofílicos quando são positivos e topofóbicos quando são negativos. Em nenhum momento observam-se menções de desconstrução do lugar pelo aparecimento da relação negativa com ele, uma vez que os sentimentos negativos só se dão também quando há ligação entre sujeito com o “seu” espaço (Tuan, 1980). Dessa forma, os momentos de conflitos e experiências negativas em relação ao lugar dão espaços às inversões afetivas em relação com o lugar, aquilo que tinha sentimento bom passa a ter sentimento ruim.

A partir dessa discussão, o próximo capítulo é destinado a discutir os resultados da pesquisa, em que buscaremos identificar as percepções de lugar que os estudantes da FCT-UNESP possuem em relação à instituição.

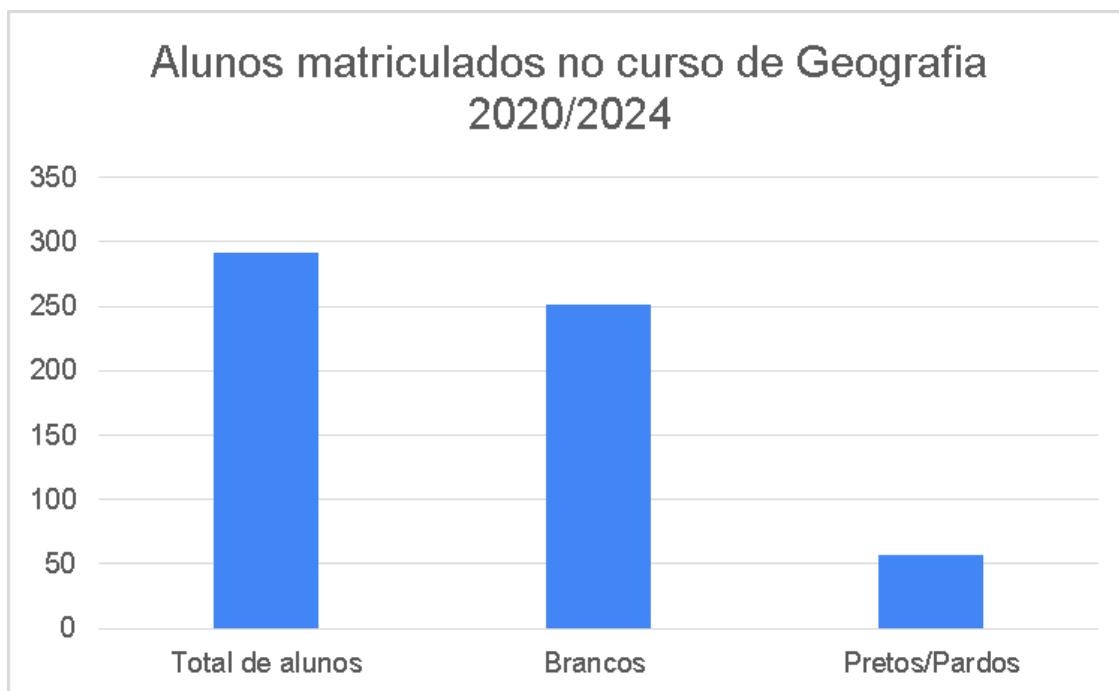
CAPÍTULO 4. ANÁLISE DO PERFIL E PERTENCIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GEOGRAFIA

Neste capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa, organizados em quatro categorias que correspondem a tópicos: A – perfil (idade, raça e gênero); B – lugar de onde vem; C – universidade e projetos; e D – pertencimento (racismo, lugar que gostam, lugar que não gostam).

4.1 Perfil geral dos estudantes do curso de Geografia

Os resultados apresentados a seguir, baseiam-se em uma amostra de alunos que foi coletada a partir de documentos fornecidos pela Seção Técnica de Graduação. Atualmente, temos 57 alunos declarados pretos e pardos no curso de Geografia, que ingressaram entre os anos de 2020 a 2024. Foram enviados em seus e-mails institucionais um questionário contendo 16 questões. Obtivemos 28 respondentes, sendo 12 mulheres e 16 homens, dos períodos matutino e noturno. Apenas três alunos oriundos de Presidente Prudente responderam.

A partir dos dados gerais da FCT-UNESP, fizemos uma análise quantitativa e qualitativa, onde observamos que no curso de Geografia, nos dois turnos, existe um total de 292 alunos matriculados, desses 251 se declaram brancos e 57 se declaram pretos ou pardos, representando 20% do número total, sendo uma minoria de pessoas negras dentro do curso. O Gráfico 1 ilustra esse panorama.

Gráfico 1 – Alunos matriculados no curso de Geografia 2020-2024

Elaboração: Autora, 2024.

A- Idade

Os alunos possuem entre 18 e 61 anos de idade, com uma média de 22 anos em sua maioria (Tabela 1).

Tabela 1 – Idade dos respondentes

Faixa Etária (anos)	Número de estudantes
18-22	14
23-27	5
28-32	6
33-37	2
61	1

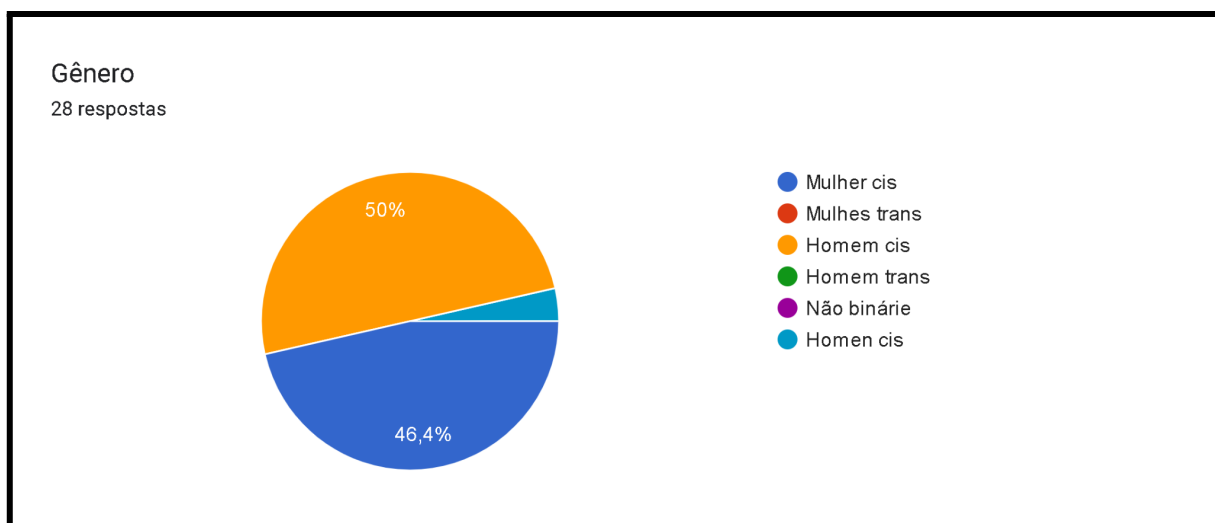
Elaboração: Autora, 2024.

Há seis homens em maioridade de 25 até 37 anos e seis mulheres entre 26 e 61 anos de idade, assim observa-se uma pluralidade relacionada às idades, que contribui para uma troca de experiência, diversidades de pontos de vista e uma aprendizagem intergeracional.

B- Gênero

O Gráfico 2 apresenta as informações sobre gênero.

Gráfico 2 – Gênero

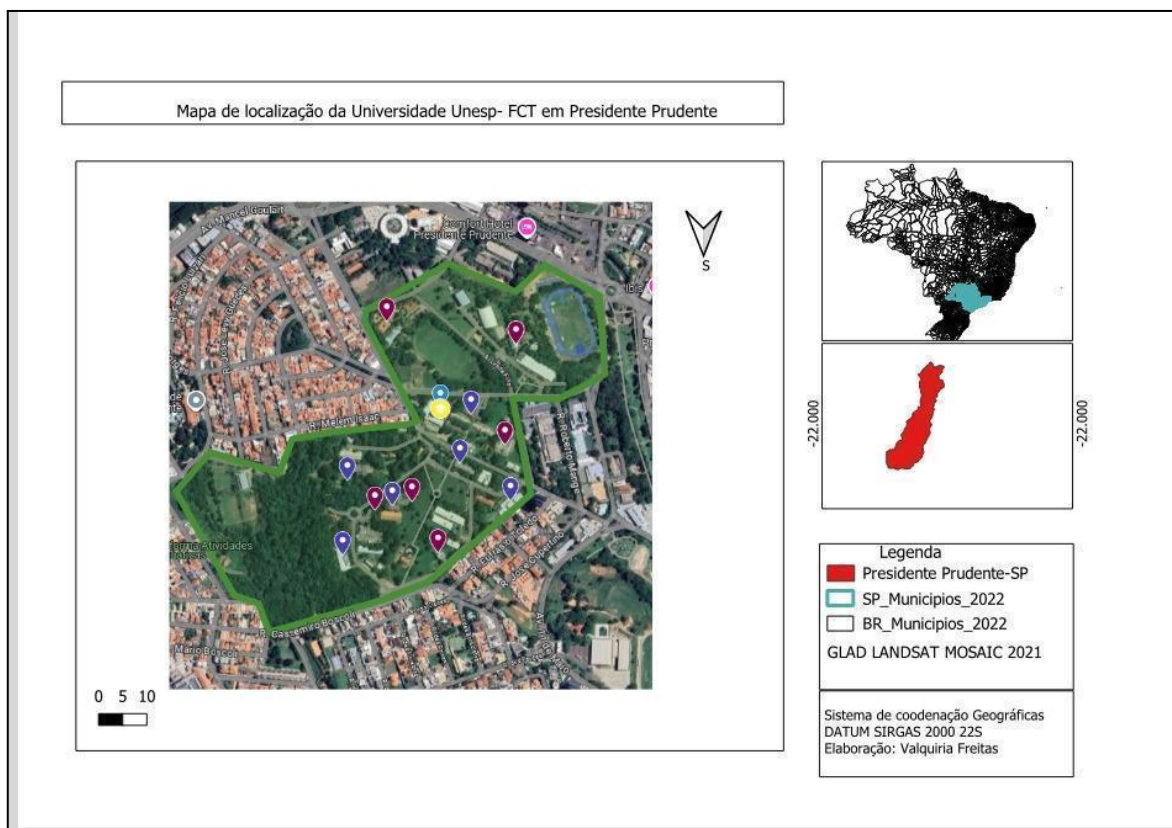


Sobre o gênero, o número maior é de homens, contabilizando 16 (53,6%). E as mulheres 12 (46%). Dos períodos de curso, 18 deles estudam de manhã, sendo oito mulheres e 10 homens, nove no período noturno, sendo cinco mulheres e quatro homens.

4.2 Local de origem dos estudantes do curso de Geografia

A localização da universidade na cidade de Presidente Prudente é apresentada no Mapa 1. A universidade está localizada na área oeste da cidade, no bairro Jardim das Rosas, onde se encontra grande parte das moradias dos estudantes. Podemos observar que os alunos que participaram da pesquisa que moram em cidades vizinhas, vem e voltam para suas cidades todos os dias, independente dos períodos que estudam.

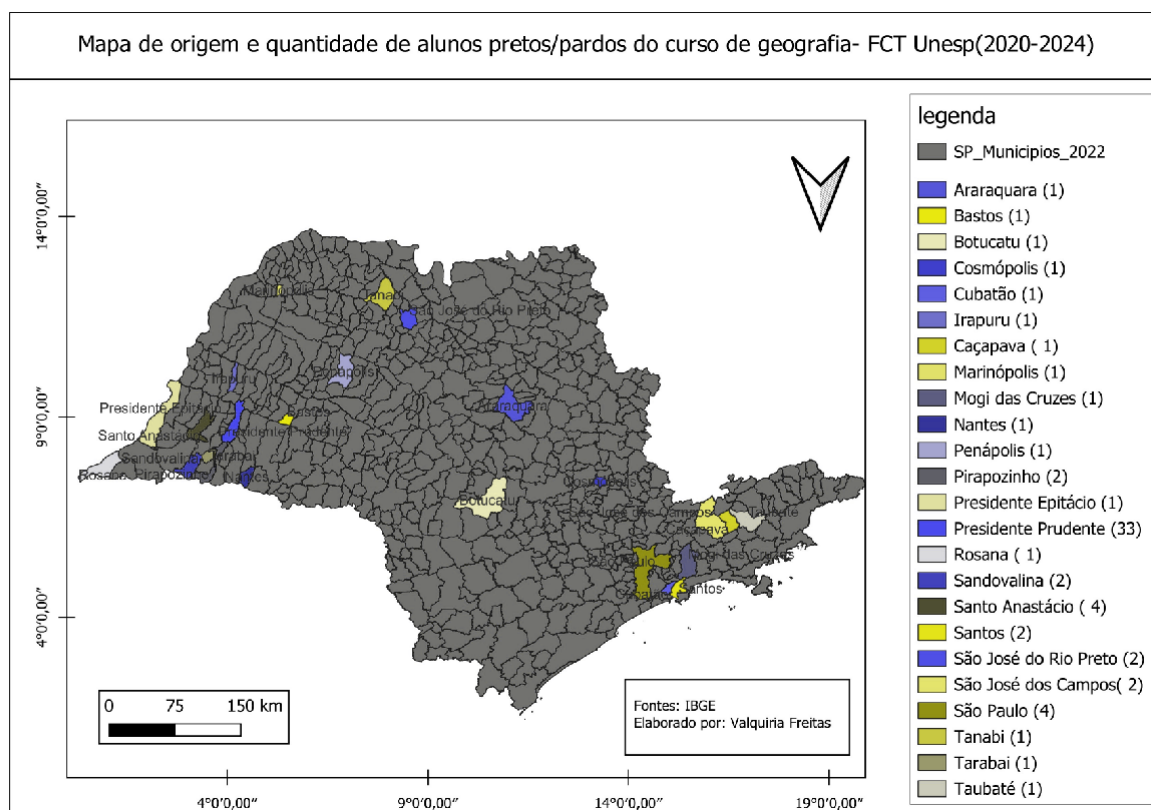
Mapa 1 – Localização FCT-UNESP



Elaboração: Autora, 2024.

Quando perguntados sobre a última cidade que moravam antes de vir para Presidente Prudente, observa-se a predominância nas cidades do Estado de São Paulo, com exceções de outros estados do país como Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais e Paraná. Sobre a cidade que moram atualmente, a maioria dos estudantes responderam Presidente Prudente, mas há também outras cidades como Irapuru (SP), Presidente Venceslau (SP), Teodoro Sampaio (SP), Tarabai (SP) e Presidente Epitácio (SP). Ressaltamos aqui, a dificuldade de se vivenciar a universidade nesses casos, e também nos casos de estudantes que estudam e trabalham. O Mapa 2 apresenta a origem dos estudantes.

Mapa 2 – Origem dos alunos



Elaboração: Autora, 2024.

Quando observamos as cidades de onde os estudantes vieram, notamos que a maioria vem de Presidente Prudente, com um número considerável de alunos que moram em outras cidades do interior de São Paulo, com destaque para municípios vizinhos à Presidente Prudente, o que demonstra como o município polariza o seu entorno e demarca uma centralidade em termos de ensino. Além de que há uma relevância de estudantes vindos do sudeste do estado, implicando em grandes mudanças, como por exemplo sair de uma determinada região do estado para viver em outra, sendo necessário a realização de mudanças em suas transições e adaptações das suas rotinas, além dos desafios de uma nova vivência em outro ambiente, com outros tipos de culturas, e a inserção em uma universidade situada em outro contexto geográfico.

4.3 Universidade: trabalho e projetos

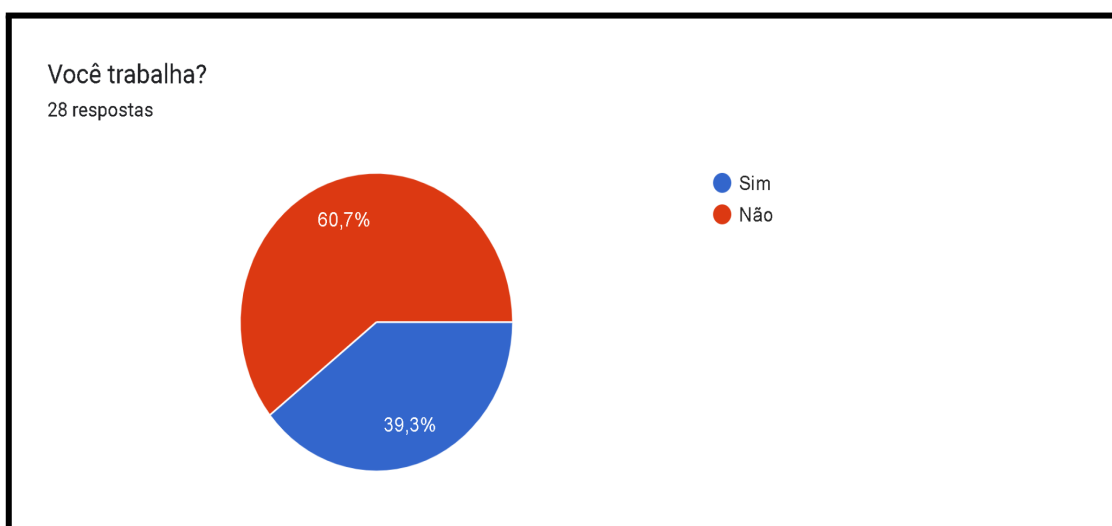
Ingressar na universidade é um passo muito importante na vida de uma pessoa, mas sabemos o quanto é difícil se manter na faculdade. Quando adentramos nesses espaços passamos por uma série de desafios, como por exemplo, conciliar estudos, casa e às vezes trabalhos ou projetos de pesquisa e extensão.

Em muitos momentos os alunos não conseguem vivenciar todas as dinâmicas que este espaço oferece para quem entra nele como as experiências práticas além dos currículos, as políticas de permanência nem sempre são o suficiente para manter os alunos na academia além das condições materiais, sociais e emocionais dos graduandos.

A- Trabalho

O Gráfico 3 apresenta informações sobre os alunos que trabalham ou não. Dos alunos respondentes, 11 trabalham, sendo quatro mulheres e sete homens, e os que não trabalham somam 17.

Gráfico 3 – Trabalho



Fonte: Google Forms.

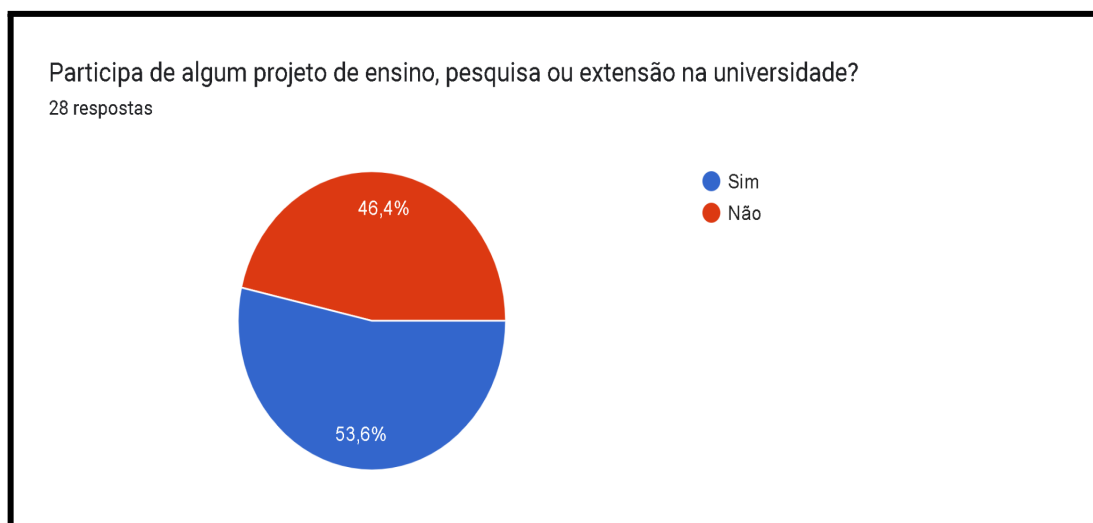
Dos cargos que atuam temos *freelance* de manicure, porteiro, apoio técnico da universidade, garçom, agente de saúde, dançarino, servidor público, produtor de

eventos, produtor cultural e ladrilheiro. Algumas destas profissões não são valorizadas socialmente.

B- Participa de algum projeto de ensino, pesquisa ou extensão na universidade?

O Gráfico 4 apresenta as informações sobre participação em algum projeto da universidade.

Gráfico 4 – Participação em projeto



Fonte: Google Forms.

Das respostas obtidas, 13 (46%) alunos não participam de projetos de pesquisa, ensino ou extensão, enquanto 15 (53%) participam. Os alunos que trabalham, não participam de projetos de pesquisa ou extensão na universidade, e também não vivenciam a universidade como os alunos que não trabalham e fazem projetos.

C- Caso sim, qual o nome do projeto?

Dos projetos que os alunos participam, encontram-se grupos como: Inovação social, intervenção em acervo etnográfico do Museu de Paleontologia; NUPE, que trabalha com pesquisa e extensão na temática étnico-racial; Grupo de Pesquisa

Interações na Superfície Terrestre, Água e Atmosfera (GAIA), que pesquisa questões terrestres e da atmosfera; Juventudes e saúde mental no contexto universitário; Núcleo de Estudo, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária (NERA), que trabalha com questões agrárias; Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GASPERR), que trabalha com questões urbanas; Centro de Estudo e Mapeamento da Exclusão Social para Políticas Públicas (CEMESP), que discute políticas públicas com foco na habitação; Coordenadoria de Ações Afirmativas Diversidade e Equidade (CAAIDI), que trabalha com questões de ações afirmativas e diversidades; Núcleo de Estudo e Pesquisa em Agroecologia no Pontal do Paranapanema (NEAPO), que trabalha com as questões do campo; UNESP Toda Gente, que pauta a diversidade dentro da universidade.

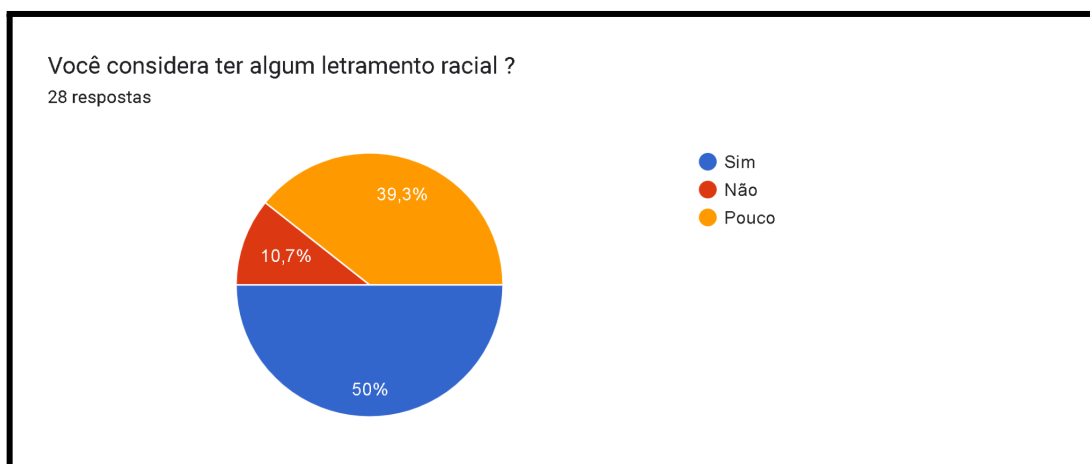
4.4 Racismo e pertencimento na universidade

Este tópico discute o racismo dentro da universidade e as possibilidades de considerar a instituição como um lugar de pertencimento.

A- Você considera ter algum letramento racial?

O Gráfico 5 apresenta as respostas dos alunos sobre o letramento racial que consideram possuir.

Gráfico 5 – Letramento Racial



Fonte: Google Forms.

Observa-se que 14 (50%) dos alunos tem algum letramento racial, enquanto 11 (10%) não tem e o restante, 11 (39,3%), se considera com pouco letramento racial. Ao analisar as respostas dos graduandos dos anos iniciais até o terceiro, composto pela maior parte dos alunos (17) e mais dois alunos do 4º ano que dizem não ter letramento racial ou pouco letramento, identificamos que para eles, é difícil identificar se sofreram algum tipo de discriminação. A análise com esse grupo, nos trouxe o debate de que quanto menos temos conhecimento sobre debates étnico-raciais e letramentos raciais, menos compreendemos as formas que o racismo se estruturou no Brasil, a ponto de sofrermos preconceitos e racismo sem perceber, além da falta de identidade, empoderamento e a compreensão do seu lugar de direito no mundo.

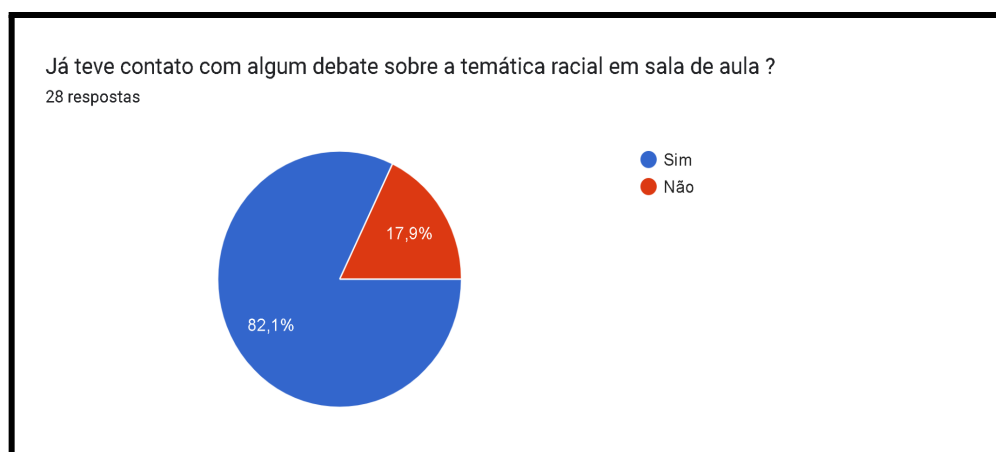
Os letramentos, para além das habilidades de ler e escrever, podem ser melhor compreendidos como “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidades e de poder” (Souza, 2011, p. 35).

Conforme a autora, a falta de letramento implica em não se situar criticamente nas relações de poder e afeta também a construção das identidades. Na medida em que as pessoas adquirem letramento, seja racial, de classe ou de gênero, passam a entender melhor sobre sua posição no mundo. Isso pode ser visualizado na maneira como a maior parte do grupo de estudantes se diz sentir em relação à cidade de Presidente Prudente enquanto pessoas negras, habitando em um ambiente racista reflete um pouco da extensão da universidade, as respostas revelaram sentimentos de solidão, abandono e esquecimento, além da insegurança que a cidade transmite aos seus corpos negros.

B – Já teve contato com algum debate sobre a temática racial em sala de aula?

O Gráfico 6 representa a resposta dos alunos sobre o contato com o debate racial.

Gráfico 6 – Contato com o debate racial



Fonte: Google Forms

Observa-se que 23 (82%) afirmam já ter tido contato com debates raciais na sala de aula e cinco (17,9%) não tiveram. Isso denota que, de alguma forma, o debate tem surgido nas disciplinas, por professores ou muitas vezes pelos próprios alunos que sentem que essa demanda sempre é necessária.

B- Participa de algum grupo que faça debate da temática racial dentro e fora da universidade?

Os alunos que participam dos grupos de debate da temática racial encontramos nove, dos que não participam são 10, dos que não participam, mas tem vontade são três alunos e seis não responderam.

Quando perguntado quais os grupos, temos cinco alunos do NUPE, dois alunos do GASPERR, um aluno do Cinema para Todos e um aluno do Educa Alexandrina. As respostas também demonstram que os projetos listados, além do NUPE, não são necessariamente de questão racial, mas os estudantes negros têm levado esses temas para o debate, assim como tem levado para a sala de aula.

C- Como você se vê dentro da Universidade enquanto uma pessoa negra?

Os alunos se veem dentro da universidade como um ato de resistência e empoderamento, estão ocupando seus lugares mesmo que, muitas vezes, se sintam sozinhos, não acolhidos e em minoria. Para eles, ocupar esses espaços é de extrema importância, é preparar-se o caminho para o futuro.

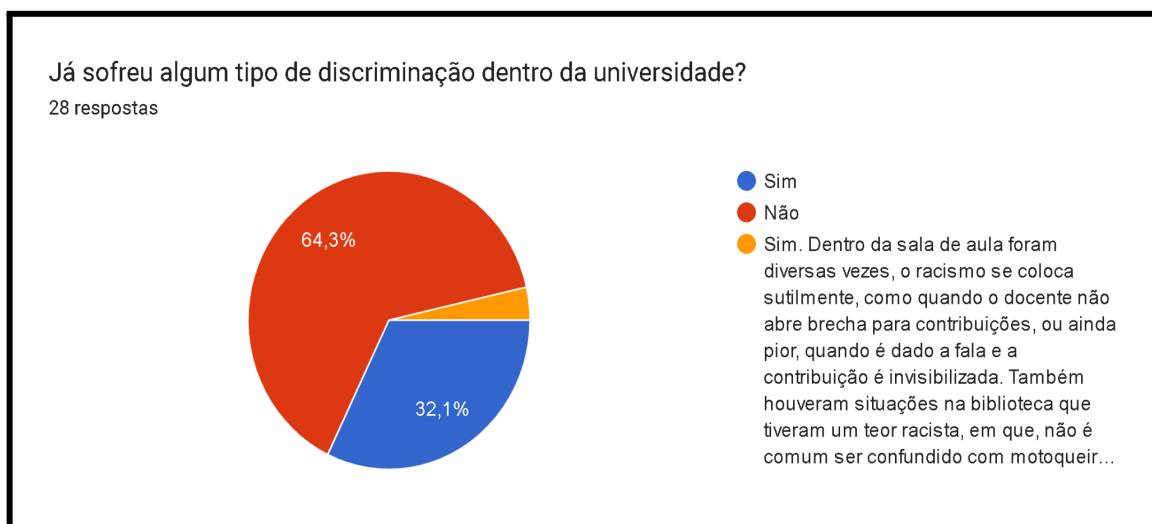
D- Por que escolheu Geografia?

A maioria dos alunos disseram gostar da área de humanas e querem ser professores. O maior incentivo que tiveram foi de seus professores de Geografia, sendo esse o principal motivo da escolha do curso.

E- Já sofreu algum tipo de discriminação dentro da universidade?

Sobre essa questão, 18 (32,1%) estudantes disseram não ter sofrido discriminação no espaço acadêmica, e 10 (32%), disseram já ter sofrido. O Gráfico 7 ilustra as respostas.

Gráfico 7 – Já sofreu algum tipo de discriminação dentro da Universidade?



Fonte: Google Forms

Em relação ao que aconteceu, 25,8% das respostas foram relacionados a discriminações vindas de professores em sala de aula, seguida por discriminação de

colegas de sala e em trabalhos em grupos. O que chama mais atenção são os comentários de professores capacitistas e as invalidações sofridas enquanto pessoa preta, enquanto que há uma validação a pessoas brancas.

Quando perguntados sobre essa questão, exceto uma pessoa, os 18 responderam que nunca sofreram discriminação racial, porém existe alguns lugares dentro do campus, que se sentem intimidados por olhares de pessoas que eles julgam serem elitizadas, como de alunos brancos e alunos de cursos integrais, por exemplo.

F- Em quais espaços da Universidade você se sente acolhido? Justifique sua resposta.

Esse grupo é composto por 11 graduandos, cinco deles fazem parte de grupos que discutem questões raciais, os mesmos estão na construção de projetos, finalizando a graduação e trabalhando com a temática em seus trabalhos finais de graduação, nesse caso, possuem letramento racial.

Quando perguntado quais os lugares que gostam e se sentem acolhidos dentro da universidade, a maioria cita: o NUPE, onde são acolhidos e encorajados a combater o racismo através da educação; a Praça da Geografia, onde conversam e discutem questões importantes; e a biblioteca, por ser aconchegante e poderem conviver com seus iguais. Quando citam lugares que se sentem bem ou acolhidos, vimos respostas como “meus amigos”, “meus grupos de pesquisa” e a “biblioteca”.

O corpo humano também é lido como um lugar no espaço geográfico, para Tuan (2013, p. 49): "o corpo é uma 'coisa' e está no espaço ou ocupa espaço", dessa forma, o corpo enquanto lugar, é dotado de experiências, pertencimentos e até mesmo símbolos lidos pelo outro, isso responde porque temos vivências e apegos por nossos amigos. Quando as respostas trazem a biblioteca como um lugar de acolhimento, tem haver onde os alunos se estabelecem com seus amigos e iguais, isso traz a interação e constrói identidades a partir de vivências. A Tabela 2 apresenta as respostas à pergunta.

Tabela 2 – Locais considerados acolhedores

Locais da FCT-UNESP considerados acolhedores	Justificativas
NUPE	Potencializa alunos negros; Aprendizagem; Receptivos; Acolhimento.
Biblioteca	Acolhimento; Aconchego; Conforto; Pluralidade.
SITRA	Lugar onde praticam esportes.
Moradia estudantil	Alunos que se identificam.
Amigos	Acolhem uns aos outros.
Praça da Geografia	Lugar de encontro e debates com amigos.
Universidade	Liberdade; Pertencente.
Grupos de pesquisa	Importância.
CEETAS	Conforto; Acolhido Pelos Meus.
Sala de aula	Debates das pautas raciais

Os outros lugares são citados por alunos que se sentem bem e acolhidos, mesmo não fazendo parte de grupos ou projetos que discutem essas temáticas, como por exemplo: moradia estudantil e Saúde Integral do Trabalho da FCT-UNESP (SITRA).

G- Em quais espaços na Universidade você não se sente bem? Justifique sua resposta.

A Figura 1 apresenta os espaços da universidade em que os estudantes não se sentem ou não se sentem bem. Os lugares que estão em cores vermelhas são referentes aos lugares de acolhimento citados pelos alunos e os lugares em cor azul, são referentes aos lugares onde não se sentem acolhidos.

Figura 1 – Lugares que se sentem bem e lugares que não se sentem bem na FCT Unesp



Elaboração: Autora, 2024.

Os lugares indicados pelos alunos como um lugar onde não se sentem bem, foram: Sala de aula, dependendo do professor que irá ministrar a aula; fila do restaurante universitário, pois os alunos de elite de cursos integrais e geralmente com um padrão de vida economicamente diferente dos alunos negros, os direcionam olhares que incomodam; bloco da Educação Física, porque as pessoas são consideradas diferentes dos outros alunos, uma vez que não são conhecidas; Praça da Geografia, em virtude de um episódio de um professor racista, o que fez com que os alunos não se sentissem bem no local; laboratórios, devido às dificuldades que os alunos têm em aprender. Existe ainda um aluno que não se sente bem em nenhum lugar.

Outro lugar que a maioria indicou não se sentir bem, foi no prédio da direção da universidade, pois imprime um símbolo de poder e de imponência, segundo eles. A justificativa, quase unânime, é de que a direção é o último lugar a se

sentirem acolhidos, por não terem ligações ou experiências. Sabemos que o lugar na perspectiva de Tuan (1983) se relaciona com os fundamentos da organização espacial e constitui-se através das relações das pessoas e de suas experiências.

H- Na universidade enquanto estudante negro, você se sente acolhido por?

O Gráfico 8 apresenta as respostas à questão acima.

GRÁFICO 8 – Na Universidade enquanto estudante negro, você se sente acolhido por?



Fonte: Google Forms.

Através das respostas, observa-se que a maior parte dos alunos se sentem acolhidos por amigos, seguido dos professores e funcionários. Porém, se sentem menos acolhidos pela direção da instituição. Há ainda duas pessoas que não se sentem acolhidos por nenhuma das alternativas.

I- O que você considera que mudou em sua vida após o ingresso na Universidade?

Para abordar a questão de como a vida de uma pessoa muda após sua entrada na universidade, é necessário considerar vários aspectos em questão, como

por exemplo, o seu crescimento pessoal, suas novas habilidades acadêmicas, sua criticidade e suas ampliações de conhecimento. Fazer parte de um curso superior abre novas oportunidades intelectuais e financeiras.

Ao questionar os alunos, as frases que descreveram foram, por exemplo, que obtiveram mais consciência racial, qualidade de vida e pensamentos mais críticos, além de amadurecimento e busca por igualdade racial.

J- Como você se sente enquanto estudante negro na cidade de Presidente Prudente?

Os alunos têm sentimentos muitos subjetivos relacionados a como se sentem dentro da cidade de Presidente Prudente, trouxemos na pesquisa frases significativas e cheia de intensidade quanto aos seus sentimentos:

- “Na cidade de Presidente Prudente, por passar mais tempo no campus, me sinto bem, me sinto com um olhar de futuro mais assíduo, sinto que a faculdade é o meu lugar” (Aluno 4º ano).

- “Eu não sinto aquela sensação de segurança aqui na cidade de Presidente Prudente, especificamente, por ser uma pessoa negra e morar em uma cidade majoritariamente branca. Isso faz com que eu não vivencie os diferentes espaços e possibilidades (que não são muitas), porém, também entendo que até certo ponto é uma escolha, pois, gosto e prefiro me sentir seguro” (Aluno do 5º ano).

- “Se fosse para resumir em uma palavra seria "Dificuldade". A Universidade por mais que tenha políticas de cotas, em números essas pessoas continuam sendo minorias. Lutamos constantemente para pertencer de fato a um espaço, para ter credibilidade e principalmente conseguir permanecer a universidade é branca e burguesa e todo e qualquer espaço nela fortalece esse sistema dia a dia”(Aluno do 5º ano).

- “Me sinto jogado de lado” (Aluna 2º ano).
- “Uma pessoa normal” (Aluna 1º ano).
- “Indiferente e às vezes sexualizado” (Aluno 4º ano).
- “Privilegiada por estudar onde moro” (Aluna do 1º ano).
- “Um cara normal só que conquistador” (Aluno do 1º ano).

- “Oprimida, menosprezada, autoestima baixa silenciada como mulher negra” (Aluna do 3º ano).
- “Um sinal de esperança” (Aluno 1º ano).
- “Ora integrado, ora excluído. É uma relação de contradição latente”. (Aluno 4º ano).
- “Reprimido, essa repressão já acontece pela cor, pelo jeito de vestir, mas quando você “ainda” por cima é estudante, ela é em dobro” (Aluno 1º ano).
- “Quando saio da bolha da Unesp sinto a necessidade de “vestir um personagem” e não ser quem eu sou na universidade, manter uma postura que me neutralize com o lugar e que eu passe despercebida” (Aluna do 5º ano).
- “Acho que me sinto bem. Não sei se é por não vivenciar tanto a universidade quanto eu deveria, mas sempre vejo nos e mails convites para eventos relacionados a negritude na Unesp, mas acho que poderia ter alguns eventos mais no período da noite, já que pessoas como eu, que vêm de outra cidade e trabalham durante o dia, dificilmente conseguiriam participar desses eventos e se sentir mais acolhido” (Aluna do 5º ano).
- “Sinto que temos bastante a avançar, mas que algumas políticas já se fazem mais presentes com o NUPE. O festival da ocupação preta é uma expressão bastante importante disso” (Aluno 5º ano).
- “Na cidade de Presidente Prudente, ser um homem negro significa frequentemente ser uma minoria nos espaços que frequento, o que pode ser desconfortável. No entanto, minha presença aqui é parte de uma luta maior: a de abrir caminho para que outros também possam se sentir acolhidos e se apropriar desta cidade, que deve ser um lugar de pertencimento para todos e todas” (Aluno 5º ano).
- “Bem, às vezes um pouco pressionada” (Aluno 1º ano).
- “Uma pessoa normal, mas já me ocorreu um episódio claro de racismo no mercado Carrefour” (Aluno 1º ano).
- Eu me sinto só, pois a maioria das pessoas pretas que eu conheço se encontram dispersas (Aluno 1º ano).
- “Um desafio diário. Enquanto homem negro-ameríndio, pobre e periférico, é um desafio diário enfrentar uma cidade para se formar” (Aluno 4º ano).
- “Bem, eu acredito que talvez por possuir uma “passibilidade” em relação a minha cor. Para alguns grupos eu não sou uma negra e para outros eu também não

sou um homem branco. Isso se dá por conta da mistificação da minha família pela minha mãe que é negra (preta) e meu pai um homem branco” (Aluno 4° ano).

- “Acredito que a cidade de prudente ainda é uma cidade bem atrasada em termos de acolhimento em relação a essa temática” (Aluno 5° ano).

- “Deslocada” (Aluna 4° ano).

CAPÍTULO 5. DISCUSSÃO

A pesquisa se inicia com a dificuldade de fazer com que os alunos entendam a importância da aplicação de questionários, pois é através deles que chegamos a algum resultado e possíveis políticas que contemplem as demandas de permanência.

Mesmo com a resposta de 28 alunos de um total de 57 que se declaram pretos e pardos, foi possível chegar a uma resposta em relação aos alunos respondentes. Os dados nos contam algumas histórias que tornam a pesquisa pertinente e nos ajudam a encontrar respostas aos questionamentos do início do texto.

Para dar início, dividiremos os resultados em grupos específicos: dos alunos que dizem não ter letramento racial ou pouco letramento; dos alunos que se encontram nos anos 4° e 5° da geografia; e dos alunos que tem topofobia (que combina os dois grupos anteriores).

5.1 Grupo dos alunos que dizem não ter letramento racial ou pouco letramento

Para poucos alunos a cidade reflete aconchego e lugar de pertencimento, podendo ser observado em três que nasceram e possuem família na mesma. A rede de pessoas próximas que as pessoas possuem influência na construção da concepção de lugar. Assim como muitos estudantes veem seus amigos como lugares, Presidente Prudente também assume essa característica quando abriga famílias e vivências desde criança. Inclusive, o fato de muitos dos respondentes não serem da cidade, se desdobra em menos afetos positivos em relação a ela.

Andrade (2023) nos explica esse sentimento através da experiência compartilhada de ser negro, marcada hegemonicamente pela branquitude, que delimitou ao corpo negro o sentimento de inferiorização e um auto olhar negativo de

si, sendo lidos primeiramente como negros antes de se manifestarem como humanos, essas experiências devem ser consideradas a partir das interseccionalidades, levando em conta as várias formas de discriminação.

5.2 Grupo dos alunos que se encontram nos 4º e 5º anos do curso de Geografia

Quando perguntado os lugares que não se sentem bem dentro da universidade, é unânime citarem a direção da FCT. Todos esses alunos disseram ter sofrido algum tipo de discriminação racial, principalmente dentro da sala de aula, por professores, funcionários e colegas de sala. O que nos chama a atenção, é que esses mesmos alunos são letrados racialmente e, desse modo, conseguem compreender todas as faces e as formas que o racismo se reproduz.

Segundo Fanon (1980), as inseguranças que rondam o corpo negro fazem com que a maioria dessa população encontre dificuldades em se colocar no mesmo espaço que o homem branco, devido a historicidade do ser visto como inferior, sendo subjugado por sua existência e visto sempre pela zona do não ser, das segregações, das ausências e das invisibilizações.

Voltando à perspectiva sobre lugar e pertencimento em Tuan (2011), o lugar na concepção geográfica humanista se delineia como um espaço dotado de significado para indivíduos ou grupos sociais. Sendo assim, esse conceito, constitui-se na melhor forma geográfica de conhecer os valores, significados e os sentimentos construídos pelo homem no espaço, sendo a partir desses valores e sentimentos atribuídos, que os sujeitos adquirem pertencimento, identidade e reconhecimento de um espaço enquanto lugar.

O lugar dentro da Geografia, se dá por um espaço localizável na superfície terrestre, essa é uma explicação de fácil entendimento, mas o que ficou explícito para nós, é que os lugares onde os alunos se sentem pertencentes, são dotados de experiências que os ligam de alguma forma com suas subjetividades pessoais.

Ao observarmos suas trajetórias dentro da UNESP e dentro da cidade de Presidente Prudente, é no NUPE que encontram pessoas semelhantes com quem compartilham relatos de situações de discriminação, mas também constroem empoderamento coletivamente.

Apesar do NUPE não ter um espaço físico dentro da UNESP, ele se espacializa em vários locais e com isso traz sentido simbólico de um lugar, mesmo não tendo esse espaço físico como os outros locais citados como um lugar de pertencimento. As vivências através das trajetórias e modos de vida dos alunos imprimem em seu cerne, dimensões culturais, simbólicas e identidades, que formam suas percepções de estarem e pertencerem aos espaços e a entendê-los enquanto lugares.

5.3 Grupo dos alunos que possuem topofobia em relação à universidade

O lugar para a maioria dos estudantes da pesquisa, se revelou como o espaço pertencente que lhes fornece bases para a identidade através dos sentidos que ali se impregnaram. Por outro lado, temos no grupo de alunos respondentes, pessoas que disseram não se sentirem bem ou pertencentes em nenhum lugar da universidade, por terem passado por discriminações raciais dentro da instituição ou da própria cidade. Por terem experiências desagradáveis em amplos sentidos, a universidade por completa e a cidade se tornaram lugares topofóbicos.

Segundo Tuan (2005) a topofobia diz respeito ao medo do lugar e as paisagens do medo. Seja uma rua, uma praça, uma loja, certo bairro, dentre outros, todos podem representar um ambiente que causa aversão, pois a pessoa não se reconhece ali e não percebe a vida socialmente compartilhada. Lembrar momentos ou experiências positivas ou negativas trazem sentimentos que ficam gravados no emocional, com isso as memórias e as lembranças se tornam elementos de ligação com o lugar de modo topofóbico.

Um pensamento de hooks, em **Teoria Feminista da Margem ao Centro**, a respeito das identidades de raça e classe, criam diferenças raramente superadas em termos de qualidade de vida e status social, dando diferentes experiências positivas ou negativas, nesse caso o sofrimento do não pertencer a determinados espaços, não podem ser medido como uma experiência padrão, levando em conta como cada indivíduo se encontra ou não no ambiente.

Assim, quando estamos falando de topofobia, como também de lugar, nos referimos a experiências e subjetividades. Estabelecer que determinados lugares da FCT-UNESP são tidos como topofóbicos, não significa que são para todas as

peessoas ou para todos os estudantes negros. O que torna esses lugares toposfóbicos para nossos respondentes é a vivência de uma situação de discriminação.

Conforme Almeida (2019), a universidade pública, inserida na ordem geral da sociedade, reproduz o racismo. Nesse sentido, é constituída por lugares toposfílicos e toposfóbicos. Quanto mais associado à toposfilia, ela tem mais chances de contribuir para o letramento racial e afirmação de identidades de graduandos pretos e pardos. Em paralelo, quando mais associado à toposfobia, tende a produzir o seu silenciamento no espaço acadêmico.

Nesse âmbito, a Política de Cotas ao proporcionar que mais estudantes negros ingressem na universidade, também se desdobra em maior debate racial e mais interlocuções entre as pessoas, o que pode contribuir para que mais estudantes pensem na universidade e em seus espaços como lugares, numa perspectiva afetiva e de afirmação de identidades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para elucidar as considerações finais deste trabalho, resgatou-se o problema de pesquisa, cujo a intenção era responder sobre o pertencimento e as trajetórias dos estudantes negros do curso de Geografia da FCT-UNESP, ingressantes nos anos de 2020 a 2024, na perspectiva de lugar, compreendendo se a universidade se expressa enquanto um lugar para eles, a partir de suas vivências, atravessamentos e percepções ao longo do seu percurso acadêmico.

Observa-se que poucos estudantes responderam à pesquisa, não possibilitando uma ampla avaliação das turmas selecionadas, esse fator nos traz inferências, como por exemplo as questões raciais dentro da universidade não serem consideradas importantes por toda a população negra ingressante. Esse fato se dilui ainda mais quando constatado que mais da metade dos alunos tem pouco ou nenhum letramento racial, fator imprescindível para a discussão coesa sobre a questão racial dentro da universidade.

Conclui-se que apenas alguns alunos do quarto e quinto ano, que possuem algum letramento ou interesse na temática, avaliaram a universidade enquanto um lugar pouco acessível para eles, citando lugares onde convivem em grupos com a mesma vivência, esses grupos lhes trazem pertencimento e acolhimento. O NUPE está relacionado a esses lugares pertencentes, como também a biblioteca, a Praça

da Geografia e o CEETAS, que lhes imprimem acolhimento e pertencimento. Algumas pessoas são citadas como acolhedoras, entre elas estão professores, amigos e funcionários da universidade.

A maioria dos alunos dos primeiros anos, sentem-se à vontade e acolhidos por quase toda parte da universidade. A questão de não se sentirem discriminados racialmente pode ser tanto verdadeira, como também ligado à falta de compreensão de como o racismo atua em suas multifaces.

Sobre os lugares considerados topofóbicos por alguns alunos, temos da maioria, o restaurante da universidade. A pluralidade de alunos e seus vários cursos que se confluem no espaço do restaurante, principalmente os cursos integrais vistos como elitizados, até pela falta de alunos negros neles, trazem um sentimento de inferioridade em alunos letrados e não letrados racialmente.

O espaço da direção, traz desconforto a alguns alunos, devido o sentimento destacado pela distância que se estabelece entre direção e alunos, esse lugar é visto como uma paisagem do medo, onde problemas, demandas, inseguranças e discriminações são levadas até lá, mas não são resolvidas como o esperado. Toda essa dinâmica implica em relações compostas sempre por embates e resistências, trazendo aos estudantes um lugar topofóbico.

Nos chama a atenção alguns sentimentos que são nomeados por alunos como a invisibilidade que a universidade possui em relação a eles, sobretudo para os alunos que sofreram alguma discriminação. A falta de resolução de casos como esses, afastam alunos de se pertencerem a qualquer ambiente acadêmico, esse grau varia de acordo com as vivências e as intencionalidades de cada um. Para os alunos de fora da cidade, Presidente Prudente se torna mais topofóbica que a universidade, nesse caso a universidade é apenas um reflexo da sociedade de modo geral em escalas menores.

De modo geral, a pesquisa revelou que o pertencimento vem de acordo com as espacialidades e subjetividades individuais ou em grupos que cada aluno constrói no decorrer dos anos de graduação. A consciência da negritude é responsável por trazer o interesse nas pautas raciais, o desconforto com a universidade se apresenta mais nos alunos que usam da temática em suas vidas acadêmicas. Desse modo, o letramento racial associado a práticas antirracistas na universidade são fundamentais na emancipação do corpo discente.

Para finalizar, ressaltamos que o pertencimento na perspectiva de lugar, não está relacionado somente com território material físico, mas também com o imaterial. As relações de experiências com o lugar são de modo igual nas especializações físicas e não físicas, grupos citados como amigos e NUPE, espacializam na universidade imaterialmente, nesse caso, suas ações trazem símbolos, experiências e vivências, assim como os lugares citados fisicamente, o que de fato demonstra que o pertencer está ligado ao que o conjunto de subjetividades de cada pessoa.

Por fim, destacamos que a pesquisa é relevante para o meio acadêmico no que se trata de políticas afirmativas e de permanências, os resultados auxiliarão em novas pesquisas, e como a universidade deve proceder em relação aos alunos negros que entram em seu campus, nos mais diversos cursos. Dessa forma, os currículos e educação continuada dos professores da FCT-UNESP, necessitam de mudanças que contribuam com as novas demandas populacionais da universidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

Andrade, Érico. **Negritude sem identidade: Sobre as narrativas singulares das pessoas negras**. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

BRASIL. **Constituição 1934**. Assembleia Nacional Constituinte; emendas à redação final da Constituição de 1934. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1934.

BRASIL. **Estatuto da igualdade racial**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 ago. 2012. Seção 1, p. 1.

BENTO, Maria Cida. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

COUTINHO, Clara. **Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática**. São Paulo: Edições Almedina, 2011.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1980.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978.

FONSECA, João. José. Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GATTI, Bernadete Angelina. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 98, p. 85-90, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 11 set. 2024.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/IUPERJ/ UCAM, 2005.

hooks, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. São Paulo: Elefante, 2022.

IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. 3. ed. 1 reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese dos indicadores sociais**. Rio de Janeiro, 2023.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados demográficos do Brasil**. Rio de Janeiro 1980.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.

LÜDKE, Maria Lucia; ANDRÉ, Andrea Meda. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARIOSIA, Duarcides; DEANTONI; DEGASPERI, Giovana; OLIVEIRAZU, Paulo. Trabalhos de Conclusão de Curso: Pertencimento e Percepção da Identidade dos Concluintes na PUC-Campinas. **Série Acadêmica**, v. 36, n. dez., 2022.

MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Philip. **Human Geography today**. Cambridge: Polite Press. 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. O mundo e a diversidade: questões em debate. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 36, n. 105, 2022.

MUSSE, Ricardo; TODOROV, Tezivetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**. Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, Tauana. **População negra discente ingressa na Unicentro: dificuldades de reconhecimento e pertencimento**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, , 2019.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. 2012. 160 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças cientistas, instituições e questões raciais no Brasil (1870-1930)**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Neusa. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Ana Lucia. **Letramentos de Reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip hop. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2011.

APÊNDICE

Apêndice A - Questionário aplicado aos estudantes de Geografia da FCT-UNESP

Caros colegas de curso, meu nome é Valquiria Freitas e este questionário faz parte da minha pesquisa de conclusão de curso

O objetivo é entender as trajetórias espaciais dos estudantes pretos e pardos do curso de Geografia da FCT-UNESP, através do conceito de lugar e pertencimento. A pesquisa trará contribuições aos estudos étnico-raciais, além de contribuir na reflexão sobre o espaço da universidade, e de modo especial, o curso de Geografia, como um lugar de pertencimento aos estudantes negros.

Sou uma mulher negra e ingressei no curso de Geografia pelas cotas raciais. Participo ativamente do Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão Universitária (NUPE) que desenvolve pesquisas na temática racial.

Em 2023 finalizei uma pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC 2022/2023) sobre a presença de estudantes cotistas na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT-UNESP) que identificou uma ampliação de graduandos que se autodeclaram negros (pretos e pardos) no espaço da universidade. Ingressar numa universidade pública é maravilhoso, mas assim como muitos estudantes negros, me deparei com um espaço estranho, onde não me via pertencente. Hoje, como uma pessoa negra, me sinto pertencente após vários fatores que permearam meu caminho.

Pensando em minha própria história, gostaria de entender como os outros estudantes negros também se sentem no curso e na universidade, pensando em como a instituição interfere em suas trajetórias espaciais. Diante dessas considerações, nasceu esse projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Por isso, peço que respondam esse questionário. Suas respostas serão de suma importância na realização da pesquisa e na contribuição para políticas públicas na universidade.

O nome de vocês não será divulgado.

Agradeço a contribuição de todos.

- 1- Nome completo.
- 2- Idade.

- 3- Gênero: () mulher cis; () mulher trans; () homem cis; () homem trans; () não binária.
- 4- Nome social.
- 5- Última cidade que morava antes de vir para Presidente Prudente (Caso seja de Presidente Prudente escreva Presidente Prudente).
- 6- Cidade que mora atualmente.
- 7- Você trabalha? () sim; () não.
- 8- Caso sim, qual o trabalho?
- 9- Qual ano e período que cursa?
- 10- Participa de algum projeto de ensino, pesquisa ou extensão na universidade? () sim; () não.
- 11- Caso sim, qual o nome do projeto?
- 12- Por que escolheu Geografia?
- 13- Você considera ter algum letramento racial? () sim; () não; () pouco
- 14- Já teve contato com algum debate sobre a temática racial em sala de aula? () sim; () não.
- 15- Participa de algum grupo que faça debate da temática racial dentro e fora da universidade?
- 16- Caso sim, qual o grupo?
- 17- Como você se vê dentro da Universidade enquanto uma pessoa negra?
- 18- Já sofreu algum tipo de discriminação dentro da universidade? () sim; () não.
- 19- Caso sim, explique como o caso ocorreu.
- 20- Em quais espaços na Universidade você se sente bem/acolhido? Justifique sua resposta.
- 21- Em quais espaços na Universidade você não se sente bem? Justifique sua resposta.
- 22- Na universidade, enquanto estudante negro, você sente acolhido por (pode assinalar mais de uma alternativa): () Professores; () Direção; () Funcionários; () Colegas; () Nenhuma das alternativas.
- 23- O que você considera que mudou em sua vida após o ingresso na Universidade?
- 24- Como você se sente enquanto estudante negro na cidade de Presidente Prudente?

- 25-** Você aceita conceder uma entrevista a pesquisadora? () sim; () não.
- 26-** Caso sim, informe seu número de *Whatsapp*.